



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



MARCELA CRISTIANE DA SILVA

## CADERNO SUPLEMENTAR

CONTOS, ROTEIROS E CURTAS-METRAGENS: UMA PROPOSTA DE  
ENSINO PARA A EJA



UBERLÂNDIA-MG

2020

## **CADERNO SUPLEMENTAR**

**CONTOS, ROTEIROS E CURTAS-METRAGENS: UMA PROPOSTA DE  
ENSINO PARA A EJA**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586c Silva, Marcela Cristiane da, 1970-  
Caderno Suplementar - Contos, roteiros e curtas-metragens :  
uma proposta de ensino para a educação básica / Marcela  
Cristiane da Silva. -- Uberlândia : [s.n.], 2020.  
70 p. : il.

Este caderno é parte da dissertação intitulada “Contos,  
roteiros e curtas-metragens : uma proposta de ensino para a EJA”,  
vinculada ao Mestrado Profissional em Letras da Universidade  
Federal de Uberlândia, defendida no ano de 2020.

1. Literatura. 2. Contos. 3. Educação de jovens e adultos  
(EJA). 4. Letramento literário. I. Título.

CDU 801

[...] o que eu quero não é escrever meramente; não penso em deliciar o leitor escorrendo-lhe n'alma o mel do sentimento, nem em dar-lhe comoções de espanto e de imprevisto. Pouco me importo de florear a frase, fazê-la cantante ou rude, recortá-la a buril ou golpeá-la a machadado; o que eu quero é achar um engaste novo onde encrave as minhas ideias, seguras e claras como diamantes; o que eu quero é criar todo o meu livro, pensamento e forma, fazê-lo fora desta arte de escrever já tão banalizada, onde me embaraço com a raiva de não saber fazer nada de melhor. Quero escrever um livro novo, arrancado do meu sonho, vivo, palpitante, com todos os retalhos de céu e de inferno que sinto dentro de mim; livro rebelde, sem adulações, digno de um homem. (ALMEIDA, 1903, p. 1-2).

## APRESENTAÇÃO

Caro/a professor/a,

Este caderno contém uma proposta didática de leitura e análise crítica de 5 (cinco) contos, de produção de roteiros e de produção de curtas-metragens. Além disso, aborda, por meio da leitura dos contos, uma série de temas que estão presentes na vida dos/as estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e propõe discuti-los e analisá-los sob a luz da Análise de Discurso Crítica, do Letramento Crítico e dos Multiletramentos.

As atividades foram elaboradas e aplicadas em uma escola pública do Distrito Federal, localizada em Samambaia, tendo em vista a formação de estudantes críticos e reflexivos, com a preocupação de incentivar o protagonismo e contribuir para a formação de um sujeito historicamente constituído. Acreditamos que este material poderá colaborar como prática de ensino a você, professor/a de Língua Portuguesa, que procura estar atento a práticas pedagógicas contemporâneas.

Ressaltamos que este caderno é parte integrante de um projeto de pesquisa de Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia (PROFLETRAS/UFU), cuja dissertação possui o mesmo título, sob a orientação da professora doutora Maria Aparecida Resende Ottoni.

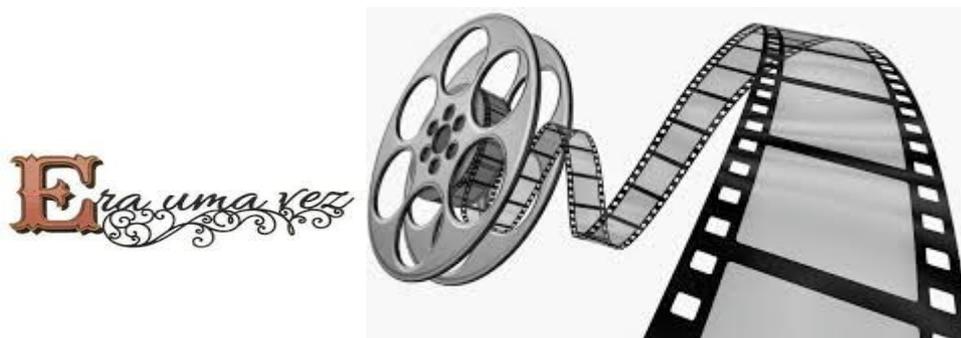
Abraços

Prof.<sup>a</sup> Marcela Cristiane da Silva

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	6
<b>2</b>	<b>PROPOSTA DIDÁTICA DE INTERVENÇÃO</b>	9
2.1	Organização da proposta	9
2.2	Detalhamento da proposta	10
2.3	Bloco 1: Apresentação e sondagem	10
2.4	Bloco 2: Motivação para a aplicação da proposta	12
2.5	Bloco 3: Introdução	14
2.6	Bloco 4: Leitura e interpretação	20
2.7	Bloco 5: Avaliação	40
	<b>REFERÊNCIAS</b>	43
	<b>ANEXOS</b>	45
	ANEXO A – “A cartomante” de Machado de Assis	46
	ANEXO B – “Tchau” de Lygia Bojunga	52
	ANEXO C – “A caolha” de Júlia Lopes de Almeida	58
	ANEXO D – “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa	62
	ANEXO E – “Clínica de Repouso” de Dalton Trevisan	66
	ANEXO F – Termo de autorização de uso de imagem	69
	ANEXO G – Modelo de Roteiro	70

## 1 INTRODUÇÃO



Apresentamos a seguir uma proposta didática de leitura e de análise crítica com a pesquisa intitulada “Contos, roteiros e curtas-metragens: uma proposta de ensino para a EJA”. O objetivo é apresentar aos/às estudantes cinco contos literários, cujas histórias retratam diferentes temáticas, diferentes tempos e autores. Para isso, foram selecionados os contos de Machado de Assis (*A cartomante*), de Lygia Bojunga (*Tchau*), de Guimarães Rosa (*A terceira margem do rio*), de Júlia Lopes de Almeida (*A caolha*) e de Dalton Trevisan (*Clínica de repouso*). Essas obras foram escolhidas porque, além de conterem narrativas que prendem a atenção do/a estudante da EJA, também contêm temas que são muito debatidos atualmente.

Além disso, esses contos foram escritos em diferentes épocas e os autores são tanto homens quanto mulheres. A seleção, dessa forma, é para que os/as estudantes percebam que a mulher tem o seu espaço dentro da literatura, como a escritora do início do século XX, Júlia Lopes de Almeida e a escritora Lygia Bojunga, contemporânea. E, para que também os/as discentes da EJA compreendam que os problemas de hoje são de várias épocas e observem que as histórias lidas podem conter ou despertar a lembrança de alguma situação por eles/as vivida ou que presenciaram.

Os enredos dos contos retratam situações de violência doméstica, exclusão social, preconceito, miséria, abandono, falta de moradia, depressão, superação, dificuldades econômicas, entre outros. Tais situações estão presentes na vida de muitos/as estudantes, jovens e adultos/as da EJA e são importantes de serem trabalhados para que possam refletir sobre as suas próprias condições. Assim, a partir da ADC (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003), que tem natureza interdisciplinar e transdisciplinar, serão discutidas a representação do mundo e a identificação de si mesmos/as. Fizemos uma articulação com a Pedagogia dos Multiletramentos (ROJO, 2012, 2013) e do Letramento Crítico (FREIRE, 2005; MENEZES DE SOUZA, 2011;

DUBOC, 2015). Para trabalhar os conteúdos, buscamos a proposta de letramento literário (COSSON, 2012, 2014). Esta proposta didática de leitura e análise crítica foi elaborada para ser aplicada em uma turma de 8ª série da Educação de Jovens e Adultos, mas pode ser aplicada e adequada para qualquer série ou modalidade de ensino.

A escola é um espaço privilegiado para promover a leitura, a análise linguística e semiótica e a produção de modo organizado/pensado. Dentro da sala de aula, o/a professor/a pode conduzir os/as estudantes a lerem as entrelinhas dos textos orais ou escritos, a analisarem como o mundo é representado, como os/as participantes dos textos são neles representados e identificados, quais vozes, textos e discursos são neles articulados, por meio de quais recursos linguístico-discursivos e semióticos, os efeitos dessa articulação nesses textos pode fornecer subsídios aos/às estudantes para a produção de textos seguindo as convenções de diferentes gêneros. E, é nessa perspectiva que optamos por desenvolver uma proposta, no Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), centrado na leitura e na análise linguística e semiótica de contos literários que contribuam para que os/as estudantes da EJA percebam que o enredo do texto literário pode ter relação com o que vivem ou já viveram, possibilitando uma participação significativa e crítica dos/as estudantes da EJA em diversas práticas sociais constituídas por diferentes linguagens e com o intuito de levar esses/as aprendizes a estabelecerem relações entre o que leem e o que vivem.

Nesta proposta, após a leitura e análise dos contos, os/as discentes também elaborarão roteiros para produzirem curtas-metragens, nos quais eles/as deverão acionar diversos saberes como: a) fazer as adaptações nos contos que acharem necessárias; b) recriar a história; c) opinar e debater com os/as colegas; d) transformar, acrescentar ou retirar, fazendo com que possam extrapolar o sentido dos contos lidos. Depois, para produzirem os curtas-metragens, os/as estudantes deverão: a) escolher personagens, figurinos, cenários, diretor/a; b) dramatizar, utilizando expressões corporais condizentes com roteiro e com o que leram e compreenderam nos contos; c) filmar essas dramatizações; d) utilizar um programa de edição para criar os curtas-metragens e que posteriormente possam ser divulgados na comunidade escolar e nas redes sociais.

Dessa forma, com o trabalho com os gêneros contos, roteiros e curtas-metragens, gradativamente, os/as estudantes irão se sentir autônomos, produtores, ativos, protagonistas e criativos.

Acreditamos também que a leitura de textos literários pode proporcionar aos/às estudantes o desenvolvimento crítico e reflexivo, conduzindo-os/as para exercer a

cidadania numa sociedade que exige cada vez mais o pleno letramento e que a literatura é capaz de humanizar o indivíduo em sentido profundo, conforme afirma Candido (1989). Além disso, os textos literários são capazes de expandir a noção de mundo e de sujeitos, contribuindo para o autoconhecimento dos/as leitores/as. Nesse sentido, é necessário que o/a professor/a adote metodologias capazes de trazerem esses benefícios aos/às estudantes leitores/as. É importante também que os/as discentes, ao lerem e analisarem os contos<sup>1</sup>, consigam de maneira crítica e reflexiva perceber como as escolhas multissemióticas materializam, nos textos, diferentes representações de mundo e representações e identificações dos personagens, e como elas podem ter relação com o que vivem, com o modo como se representam e se identificam, como representam o mundo. Acreditamos que a percepção de relações do lido e do vivido aproxima o/a leitor/a aos textos. Dessa forma, os objetivos desta proposta didática são:

1. Ler e produzir textos seguindo as convenções de uso de diferentes gêneros, levando em conta as multissemioses próprias dos textos e a integração das tecnologias digitais de forma reflexiva, significativa e crítica.
2. Ler contos da literatura brasileira, analisar e discutir as representações discursivas e identificações dos personagens neles construídas, por meio de recursos linguístico/semióticos.
3. Investigar as representações e identificações de si construídas pelos/as discentes e relacioná-las às representações e às identificações dos personagens nos contos, articulando culturas, o lido e o vivido.
4. Estimular os/as estudantes ao protagonismo, durante a realização das atividades propostas.

Para a elaboração da proposta didática de leitura e análise crítica deste trabalho, foi fundamental fazer uma revisão documental, especialmente no que concerne às orientações da Proposta Curricular para a EJA: Segundo Segmento do Ensino Fundamental - Volumes 1 e 2 (BRASIL, 2002, p. 8), que apontam a necessidade de trabalhar junto aos/às estudantes “de modo que o conhecimento aprendido resulte em maior compreensão, integração e inserção no mundo”, contribuindo para que eles/as se sintam cada dia mais autônomos e reflexivos. Além disso, dialoga com o que é postulado nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na Base Nacional Comum Curricular sobre o ensino de Língua Portuguesa. Para isso, conforme já mencionamos, alguns pressupostos

---

<sup>1</sup> Isso vale também para os outros gêneros.

teórico-metodológicos foram fundamentais, tais como os da ADC (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2003), da Pedagogia dos Multiletramentos (ROJO, 2012, 2013), do Letramento Crítico (FREIRE, 2005; MENEZES DE SOUZA, 2011; DUBOC, 2015), do letramento literário (COSSON, 2012; 2014).

## 2 PROPOSTA DIDÁTICA DE INTERVENÇÃO

### 2.1 Organização da proposta

Para a elaboração da proposta, como já mencionamos, foram selecionados 5 (cinco) contos (ANEXOS A ao E). Porém, durante a aplicação da pesquisa os/as participantes podem apresentar outros contos para serem discutidos e analisados durante as aulas. A proposta está planejada para ser aplicada em 43 (quarenta e três) aulas, nos horários da disciplina de Língua Portuguesa, em sala de aula, na sala de vídeos, na sala de informática ou na biblioteca da escola. Cada aula tem 50 minutos. Esse número pode ser alterado de acordo com a turma e com a disponibilidade de carga horária do/a professor/a.

Para facilitar o trabalho em sala de aula, a proposta didática está organizada em 05 (cinco) blocos, em consonância com os seus objetivos e com os passos propostos para a sequência básica, conforme Cosson (2012). Cada bloco possui os objetivos, os passos de cada atividade e uma sugestão da quantidade de aulas a serem utilizadas. O quadro a seguir mostra como a proposta didática está organizada:

QUADRO 1 — Organização da proposta

ORGANIZAÇÃO DA PROPOSTA DIDÁTICA DE LEITURA E ANÁLISE CRÍTICA			
BLOCOS	ATIVIDADES	AULAS (Horas/aulas)	FASES
BLOCO 1	Apresentação e Sondagem	3	Primeira: Apresentação da proposta didática Segunda: Sondagem sobre as práticas de leitura e de escrita dos/as participantes Terceira: Discussão com os/as estudantes sobre os resultados da sondagem
BLOCO 2	Motivação	3	Fase única: Leitura e dinâmica do conto “A cartomante”
BLOCO 3	Introdução	5	Primeira: As especificidades dos contos Segunda: Apresentação dos escritores e das obras

<b>BLOCO 4</b>	Leitura e interpretação	31	Primeira: Conto “A caolha” de Júlia Lopes de Almeida Segunda: Conto “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa Terceira: Conto “Clínica de repouso” de Dalton Trevisan Quarta: Contexto de produção e constituição do gênero conto Quinta: Produção do roteiro Sexta: Produção dos curtas-metragens Sétima: Edição dos vídeos Oitava: Preparativos para o Festival de Curtas-Metragens Nona: Festival de Curtas-Metragens
<b>BLOCO 5</b>	Avaliação	1	Fase única: Entrevista

Fonte: Formulado pela autora a partir das ideias de Cosson (2012).

## 2.2 Detalhamento da proposta

- Público-alvo: Estudantes do 8ª série da EJA. (Podendo ser adaptada para qualquer outro segmento da EJA, Ensino Fundamental II ou Ensino Médio).
- Quantidade de aulas: 43 (quarenta e três) aulas.
- Quantidade de blocos: 05 (cinco) blocos.

## 2.3 Bloco 1: Apresentação e sondagem

**Tempo estimado:** 3 aulas de 50 minutos.

**Materiais a serem utilizados:** questionário impresso, tabela com a organização dos blocos da proposta e datas impressa.

**Objetivos:**

- Explicar a proposta aos/às estudantes, o tempo previsto de duração, os objetivos e os materiais a serem utilizados.
- Aplicar um questionário para a sondagem inicial.
- Conhecer o que os/as estudantes sabem sobre as práticas de leitura e textos literários.
- Verificar como ocorrem as práticas de leitura dos/as estudantes dentro e fora do espaço escolar.
- Estimular os/as estudantes a falarem de si mesmos.

Professor/a, para que os/as estudantes compreendam melhor a proposta, caso ache necessário, você pode entregar a tabela resumida contendo os blocos, o número de aulas e as datas em material impresso, exibir no *Datashow* ou escrever no quadro negro, conforme a sua preferência.

**Primeira Fase: Apresentação da proposta didática (1 aula de 50 minutos)**

Inicialmente, é importante que o/a professor/a explique aos/às estudantes como será desenvolvida a proposta didática, o tempo de duração, os objetivos, os materiais e recursos que serão utilizados. Deve deixá-los/as cientes de que essa proposta almeja contribuir para a formação crítica e reflexiva e para o desenvolvimento da competência discursiva dos/as discentes, por meio das atividades de cada bloco e deve lhes possibilitar que assumam o papel de protagonistas do aprendizado e que percebam que há relação entre as obras literárias e o que vivem.

**Segunda Fase: Sondagem sobre as práticas de leitura e de escrita dos/as participantes (1 aula de 50 minutos)**

Para essa sondagem, elaboramos o questionário a seguir, a ser respondido individualmente. Antes de aplicá-lo, é importante que haja uma conversa com os/as estudantes, para que sejam orientados/as sobre o preenchimento, compreendam as razões da sua aplicação e sejam sensibilizados para que o preencham com responsabilidade e compromisso.

**QUESTIONÁRIO – DIAGNÓSTICO INICIAL**

1. O que você costuma ler durante a semana, fora da escola?
2. O que você costuma ler durante a semana, dentro da escola?
3. Dessas leituras feitas dentro e fora da escola, do que você mais gosta?
4. Você vê relação entre o que lê nos textos, dentro da escola, com aquilo que você vive? Justifique.
5. Você gosta de ler livros literários? Se sim, lembra-se de algum, cuja história tenha ficado marcada em sua memória? Comente sobre isso.
6. Você considera que a leitura de textos pode ajudá-lo na sua vida? Se sim, como?
7. Você tem o hábito de falar sobre si mesmo fora da escola? Se sim, o que isso significa para você?
8. Você tem oportunidade de falar de si mesmo na escola? Se sim, como isso acontece e qual o significado disso para você?
9. Você tem o hábito de escrever sobre a sua vida? Se sim, onde escreve?
10. Você considera que quem lê mais possui maior capacidade de se expressar verbalmente?
11. Para você o que é uma leitura proveitosa?
12. De que modo a leitura tem ajudado na sua vida?
13. Você sabe o que é um conto? Já leu algum?
14. Você já leu algum roteiro?
15. Você já produziu algum roteiro para a construção de algum filme, documentário ou curta-metragem?
16. Você gosta de curta-metragem?

Professor /a, esse questionário pode ser feito no *Google.docs* ou ser impresso para os/as estudantes.

Essa sondagem feita por meio do questionário impresso e por meio do diálogo é válida para compreender melhor quem são os/as estudantes da EJA, como se veem e se representam, como é a rotina deles/as, e, principalmente, para sentirem- se ouvidos/as e estreitar laços entre os/as estudantes e o/a professor/a.

Esse questionário é um material importante para que possa recorrer às respostas dos /as estudantes sempre que necessário e servir de acompanhamento sobre as dificuldades mencionadas por eles/as ou os avanços alcançados ao longo da pesquisa diante das respostas dadas.

Após a aplicação, recolher o questionário (em caso de material impresso) e fazer um gráfico com um consolidado das respostas de cada questão para discutir com os/as alunos/as os resultados da pesquisa, na próxima aula.

**Terceira Fase: Discussão com os/as estudantes sobre os resultados da sondagem feita por meio do questionário (1 aula de 50 minutos)**

Para divulgação dos resultados do questionário, sugerimos a elaboração de gráficos, tabelas e/ou figuras para exibição, utilizando o *Powerpoint*. É importante incentivar os/as alunos/as a lerem os resultados e a falarem sobre o resultado de cada item respondido.

**2.4 Bloco 2: Motivação para a aplicação da proposta**

**Fase única: Leitura e dinâmica do conto “A cartomante”**

Para Cosson (2012), a motivação deve ser feita em uma única aula. Entretanto, resolvemos adaptá-la e estender o tempo de aplicação desse bloco para que os/as estudantes sintam-se motivados/as e curiosos/as para realizarem os passos seguintes.

**Tempo estimado:** 3 aulas de 50 minutos.

**Materiais a serem utilizados:** um objeto que represente um globo (luminária, pote etc.), som, folhas de papel A4, conto “A cartomante” impresso para cada estudante.

**Objetivos:**

- Aproximar os/as estudantes do gênero conto que será trabalhado;
- Possibilitar uma leitura sensível do conto;
- Estimular o gosto pelas histórias lidas ou ouvidas.

➡ **Dinâmica para a motivação:**

Professor/a, para esta aula, você precisará de uma espécie de globo, similar ao usado pelas cartomantes ou pessoas que preveem o futuro. Qualquer objeto redondo pode ser usado, tal como um pote redondo de vidro ou plástico transparente. Entregue uma folha de papel em branco para os/as estudantes e peça que aguardem para utilizá-la. Antes disso, é preciso realizar uma leitura oral compartilhada do conto “A cartomante”, de Machado de Assis (ANEXO A).

1. Organizar as cadeiras em círculo e solicitar aos/às estudantes que façam uma leitura compartilhada oralmente do texto entregue a eles/as.
2. Pedir que escolham uma parte do texto, “A cartomante”, com a qual mais se identificaram e que a anotem usando apenas uma parte da folha. Explique-lhes que usarão a segunda parte da folha, no fim da atividade de motivação.
3. Perguntar aos/às estudantes se eles/as sabem qual é o gênero materializado no texto que eles/as leram e por que pensam dessa maneira. Obviamente, não esperamos que os/as estudantes apontem todos os elementos do conto, mas que eles/as expliquem, minimamente, por que defendem que é um conto, caso consigam identificar esse gênero. Caso não consigam, o/a professor/a deverá lhes explicar que se trata de um conto e que estudarão mais sobre isso em outro bloco.
4. Falar um pouco sobre a vida do autor e perguntar a eles/as se alguém consegue identificar-se com a vida de Machado de Assis.

Professor/a, deixe para explicar mais sobre a vida do autor, no Bloco da Introdução da sequência básica. Aqui, na motivação, a abordagem deve ser bem breve.

5. Pedir aos/às estudantes que, de forma voluntária, leiam para a turma a parte do texto que mais lhes chamou atenção e se eles/as encontraram alguma parte que remetesse a lembranças de suas vidas, se eles/as se identificaram com algum personagem.
6. Explicar aos/às estudantes que, similar ao que faz uma cartomante, eles/as próprios/as deverão fazer a previsão do futuro dos/as colegas, que eles/as se tornarão grandes leitores/as e produtores/as, em breve. Para que isso aconteça, pedir que se dividam em pares. Sugerir que tenham uns 15 minutos de conversa entre eles/as, que façam um revezamento. Em seguida, perguntar um/a ao/a outro/a:
  - a) O que você gostaria de ter feito no passado e não fez? Por quê?

- b) Qual é o futuro que você deseja?
- c) O que a proposta feita para essa turma da EJA poderá contribuir para isso?

Professor/a, no Bloco 1, destinado à apresentação da proposta, as informações sobre o tempo que ela durará, sua organização e seus objetivos foram dados. Então, o/a aluno/a terá condições de responder à questão c.

7. Pedir aos/às estudantes que troquem a função de cartomante entre os pares, um representa a cartomante primeiro, depois, o/a outro/a. Solicitar que peguem aquela folha em que tinham feito as anotações sobre a parte do texto com a qual mais se identificaram, que eles/as escrevam, na parte que ficou em branco, uma previsão do futuro do/a colega, levando em consideração tudo que foi perguntado a ele/a.

Professor/a, converse antes com a turma para que elaborem previsões otimistas, pois a palavra tem poder e uma das intenções da proposta é valorizar o diálogo, a tolerância e as boas ações. Pode ser qualquer previsão: que tirará notas boas, arrumará um emprego, enfim, coisas que poderão ocorrer até o fim da aplicação da proposta de ensino. Lembre-se também de pedir aos/às estudantes que não se esqueçam de colocar o nome na folha de quem fez a previsão. Peça que dobrem as folhas e depositem no globo, pote, ou o objeto que o/a professor/a tenha levado.

8. Explicar a eles/as que, no fim da aplicação da proposta, após o último bloco, olharão quais os/as estudantes que acertaram o futuro próximo do/a colega e como eles/as se sentem com isso. A intenção é estabelecer uma leitura sensível dos contos e usar o gênero como um objeto de ensino que possa favorecer a ação e a interação.

### 2.5 Bloco 3: Introdução

**Tempo estimado:** 5 aulas de 50 minutos.

**Objetivo:**

- Conhecer melhor o gênero conto e os/as autores/as dos contos que serão lidos.

Para facilitar o estudo sobre os contos e conhecer os/as escritores esse bloco foi dividido em 2 fases.

**Primeira Fase: Os Contos da proposta**

**Tempo estimado:** 3 aulas de 50 minutos.

**Materiais a serem utilizados:** *slides, Datashow, pen drive* com os arquivos a serem usados, computador, cópias em papel, celular para gravar o áudio do conto.

**Objetivos:**

- Compreender as especificidades do gênero conto;
- Diferenciar contos de outros gêneros pertencentes à esfera literária, tais como crônicas, novelas, romances;
- Estimular o interesse dos/as estudantes pela leitura de contos literários.

Para a primeira fase deste bloco, sugerimos que o/a professor/a apresente um vídeo aos/às estudantes, disponível no *You tube*, que estabelece a diferença entre romance, novela e conto e, a partir desse vídeo, explore os conhecimentos prévios dos/as discentes, e promova a ampliação dos conhecimentos sobre contos para que os/as estudantes sejam capazes de compreender as especificidades desse gênero.

1. Apresentar o vídeo sobre a diferença entre romance, novela e conto, de 3 min. 43 seg., disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=x5Ryl8uvuus>.

2. Entregar a cópia do conto “Tchau”, de Lygia Bojunga (ANEXO B), para que os/as estudantes realizem a leitura e elenquem, em conjunto, as características do gênero e do texto literário antes da sistematização por meio de *slides* sobre contos.

Professor/a, sugerimos que leve para a sala de aula o conto “Tchau” de Lygia Bojunga por se tratar de um texto de fácil leitura e compreensão. Este conto poderá mostrar aos/às estudantes a natureza dos textos literários que “Dir-se-ia que ele tagarela” BARTHES (1996, p. 9) com o leitor, acionando diversos conhecimentos de mundo que eles/as já possuem e que, ao contrário dos textos utilitários/não-literários (um único saber), fazem os saberes girarem (quantos não vêm à tona no conto “Tchau”?), dialogam com o/a leitor/a, trazem o prazer e a fruição:

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (BARTHES, 1996, p. 21-22).

O conto “Tchau” de Lygia Bojunga é uma excelente escolha que ilustra bem o que é uma obra evidenciada como estética. O conto possui vários “vazios” que são preenchidos pelo leitor durante e após a leitura. Barthes (2004, p. 26) nos inquieta com a seguinte questão: “Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper com frequência a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? Numa palavra, nunca lhe aconteceu ler levantando a cabeça?” Uma obra mais estética produz esse “levantar” de cabeça, uma inquietude, criando várias possibilidades de preenchimento de vazios. Barthes afirma que na leitura há interação entre leitor-autor-texto.

3. Conduzir a leitura do conto “Tchau” compartilhada, cujos leitores/as (os/as estudantes) irão dividir as leituras de acordo com os papéis escolhidos com antecedência:

1. voz: narrador
2. voz: a mãe
3. voz: a filha
4. voz: o pai

Professor/a, para facilitar a leitura compartilhada entre os/as estudantes, sugerimos que previamente destaque as 4 (quatro) falas com caneta marca texto em quatro textos e entregue essas cópias aos/às estudantes que irão compor a leitura. Isso ajudará aos/às estudantes a sentirem-se mais confiantes quanto a sua vez de leitura oral.

- Gravar um áudio dessa leitura, que pode ter entonações dramáticas, e passar o áudio para toda a turma para que apreciem essa técnica.

4. Conversar com os/ as estudantes sobre a compreensão do conto. Como a leitura desse conto é para o prazer e a fruição, as questões são pertinentes, uma vez que o enredo traz situações vivenciadas pelas famílias como separação, traição e abandono:

- O texto Tchau é um texto literário que possui um discurso estético ou utilitário?
- De que forma o conto contraria a ordem cultural aceita pela sociedade?
- Por que é mais aceitável na sociedade um homem abandonar a família do que uma mulher, em nome de um amor?
- Durante a leitura, você se colocou no lugar de qual personagem e por quê?
- Há algum julgamento do narrador sobre as atitudes da personagem mãe?
- Quem faz esse julgamento?
- Podemos afirmar que a personagem Rebeca ainda criança fica com a responsabilidade de ser adulta pelos pais? Se sim, como isso acontece?
- O que vocês acharam da capa?
- Como vocês a veem?
- Qual seria essa personagem?

Professor/a, a capa do livro de contos “Tchau” (2014) é uma releitura do quadro “A Solitária”, (1896) do pintor norueguês Edvard Munch. Lygia Bojunga relatou na introdução dessa obra os motivos para usar o quadro:

A intriga que senti olhando pr’a Solitária poderia ter sido acionada pelo que há de intrigante naquela figura: Um cinto prendendo uma cabeleira vigorosa numa cintura delicada; Um olhar que, mesmo a gente não vendo, a gente vê perdido no horizonte; A brancura intensa de uma veste, acentuando dúvidas: é uma adolescente? Uma mulher? Uma noiva? Um fantasma? E em volta da figura: Sombras? Pedras? Areias? Rochedos? (BOJUNGA, 2014, p. 12).

Dependendo do interesse da turma, essas informações podem ser dadas durante o trabalho com as questões.

5. Com vistas à ampliação dos conhecimentos sobre o conto, apresentar mais especificações desse gênero por meio de uma apresentação em *Powerpoint*<sup>2</sup> e logo após completar com a exibição de um vídeo breve que também trata sobre o assunto, disponível em:

<https://drive.google.com/file/d/11Yyh1dULdM4E6ySJmzfLYSxpEGZ7jX2a/view?usp=sharing>.

6. Apresentar um vídeo sobre a definição de conto:

<<https://www.youtube.com/watch?v=F6KrHeHiRP4>>

Tempo do vídeo: 6 min.33 seg.

7. Após a apresentação dos vídeos, do conto “Tchau”, do *Powerpoint* e dos vídeos, o/a professor/a poderá levantar algumas questões sobre o gênero:

Professor/ a, essa atividade pode ser realizada oralmente junto aos/às estudantes e eles/as poderão responder de forma espontânea e aleatória. É importante estar atento às respostas para esclarecer algum conceito ou equívoco quando necessário, tomando o cuidado para que esses esclarecimentos não venham a inibir a participação da turma. Explique aos/às estudantes que existem diferentes tipos de conto. Isso pode ser exposto no quadro, para que registrem em seus cadernos, ou pode ser entregue impresso. Ficarà a critério do/a professor/a como fará isso. O importante é que o/a estudante compreenda que, a depender da temática, encontraremos diferentes tipos de conto, tais como: contos populares, contos de fada, contos maravilhosos, contos de terror, contos de humor, contos psicológicos.

### Segunda Fase: Apresentação dos/as escritores/as e das obras

**Tempo estimado:** 2 aulas de 50 minutos.

**Materiais a serem utilizados:** fotos dos/as escritores/as a serem trabalhados em tamanho A4 ou maior, de preferência colorida, folhas de papel A4 com os nomes dos títulos dos contos, folha de papel em branco para os grupos, folha com as perguntas dos grupos impressas.

<sup>2</sup>A produção de *slides* é apenas uma sugestão. Em vários *sites*, é possível encontrar materiais já prontos sobre os contos e as suas especificidades.

### Objetivos:

- Estimular o interesse pelos/as autores/as selecionados/as e seus respectivos contos;
- Explicar os motivos para a escolha dos contos.

1. Colocar, na lousa, gravuras com as fotos dos/as escritores/as Júlia Lopes de Almeida, Guimarães Rosa, Dalton Trevisan, Lygia Bojunga e Machado de Assis e perguntar aos/às estudantes o que eles/as sabem sobre eles/as sem dizer o nome.

2. Caso saibam, registrar no quadro o que sabem;

3. Apresentar os vídeos sobre:

- Júlia Lopes de Almeida: <https://www.youtube.com/watch?v=HVnCuwdekVQ>  
Tempo do vídeo :1 min.01 seg.
- Guimarães Rosa: <https://www.youtube.com/watch?v=v9CbLYE-T3k>  
Tempo do vídeo: 6 min.02 seg.
- Dalton Trevisan: <[https://www.youtube.com/watch?v=fgQ\\_C34tCOs](https://www.youtube.com/watch?v=fgQ_C34tCOs)>  
Tempo do vídeo :6 min. 40seg.
- Machado de Assis:< <https://globoplay.globo.com/v/887079/>>  
Tempo do vídeo: 3 min.36 seg.
- Lygia Bojunga :< <https://www.youtube.com/watch?v=9KKob3AWnGk>>  
Tempo do vídeo :6 min.56 seg.

4. A cada vídeo, pedir para um/a estudante colocar uma plaquinha feita de papel com o nome do/a escritor/a junto às gravuras na lousa, painel ou parede.

5. Refletir e comentar sobre o que foi dito nos vídeos sobre os/as escritores/as, o que mais chamou a atenção, de qual contista mais gostaram;

6. Discutir sobre a importância de ler contos e outros textos literários.

Caso queira, professor/a, pode ler para os/as discentes o trecho a seguir:

A leitura de textos literários, quer sejam contos, romances, crônicas, novelas, fábulas, é importante, segundo Petit (2008, p. 19), porque, por meio da leitura, os/as leitores/as podem se tornar “mais preparados para resistir ao processo de marginalização. Compreendemos que ela os ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido.” A autora também defende que a leitura ajuda na autonomia dos/as jovens para que eles/as não se tornem objetos de discursos repressivos. Entendemos também que essa leitura ajuda na construção da identidade dos/as leitores/as e lhes permite ver o mundo por outros olhares de maneira menos simplória.

Nesta parte da sequência básica, referente à introdução, Cosson (2012) orienta que seja apresentada a estrutura física da obra como capa, letras, títulos, imagens etc. No caso desta proposta interventiva com contos, como eles fazem parte de uma coletânea com vários outros contos, sugerimos uma adaptação, de forma que os/as participantes possam

pensar sobre a obra a partir dos títulos e fazer as possíveis inferências. Este é um excelente momento para se trabalhar a multimodalidade/multissensório.

Dessa maneira, propomos a exploração dos títulos de cada conto a ser trabalhado, utilizando o passo a passo a seguir:

1. Inicialmente, a turma será dividida em três grupos;
2. Cada grupo receberá uma folha de papel com o nome de um dos contos que serão trabalhados;
3. Solicitar que discutam entre si, em grupos, o que os títulos sugerem a partir do que eles/as sabem e que respondam aos seguintes questionamentos por meio de respostas escritas (abaixo de cada questão) ou em forma de um pequeno texto.

**Grupo 1: A terceira margem do rio**

1. O que é a terceira margem de um rio?
2. Tem como um rio ter uma terceira margem?
3. Podemos transitar em uma terceira margem? Como?
4. Que tipo de história vocês acham que será lida nos contos a partir desse título?
5. Na opinião de vocês é uma história fictícia ou aconteceu de verdade?

**Grupo 2: Clínica de Repouso**

1. O que é uma clínica de repouso?
2. A quem se destina uma clínica de repouso?
3. Por que alguém deve frequentar uma clínica de repouso?
4. Que tipo de história vocês acham que será lida nos contos a partir desse título?
5. Na opinião de vocês é uma história fictícia ou aconteceu de verdade?

**Grupo 3: A caolha**

1. Uma pessoa pode nascer caolha?
2. Como é uma pessoa caolha?
3. Que tipos de problemas a pessoa caolha pode ter junto à família e à sociedade?
4. Que tipo de história vocês acham que será lida nos contos a partir desse título?
5. Na opinião de vocês é uma história fictícia ou aconteceu de verdade?

4. Dar o tempo necessário para os/as alunos/as cumprirem a tarefa e solicitar que eles/as apresentem as suas repostas, oralmente, e que leiam para toda a turma as respostas dadas.

5. Retomar as fotos dos/as autores/as e associar os nomes dos/as escritores/as e os títulos dos contos que serão lidos: Guimarães Rosa (A terceira margem do rio), Júlia Lopes de Almeida (A caolha), Dalton Trevisan (Clínica de repouso).

6. Esclarecer que podem apresentar como sugestão a leitura de outros contos que eles/as se interessem em levar aos/às colegas. Caso isso aconteça, analisar se esse(s) conto(s) possui(em) temáticas que esteja(m) de acordo com os objetivos da proposta. Em caso afirmativo, construir questões e análises semelhantes aos outros contos para que a sequência básica seja mantida. Em caso negativo, ou seja, se o texto sugerido for diferente

do gênero a que nos propomos, conto, ou estiver inadequado a essa proposta como contos infantis ou contos eróticos, explicar aos/às estudantes os motivos pelos quais não podem ser incorporados à sequência básica trabalhada.

Professor/a, recolha as sugestões e dê um prazo (estipule uma data no calendário) para a resposta a ser dada aos/às estudantes, pois terá que ler, analisar, formular questões e alterar o calendário de aplicação da sequência básica, caso surjam outros contos.

Esta fase é importante porque, além de ativar a curiosidade sobre as histórias, ainda permite que socializem as impressões que os/as alunos/as têm sobre os títulos e antecipem o que será lido durante o desenvolvimento da proposta.

## 2.6 Bloco 4: Leitura e interpretação

**Tempo estimado:** 31 aulas de 50 minutos.

**Materiais a serem utilizados:** contos impressos suficientes para cada aluno/a participante, folhas A4 para escreverem as respostas, *Datashow*, *pen drive*, som, computador.

### Objetivos:

- Ler, coletivamente, contos de diferentes escritores da literatura brasileira;
- Analisar e discutir as representações discursivas e identificações dos personagens nos contos;
- Investigar como os/as alunos/as se representam e se identificam e representam o mundo;
- Relacionar as representações e identificações dos personagens nos contos com as representações e identificações de si construídas pelos/as discentes, articulando culturas, o lido e o vivido;
- Apreciar as obras literárias.

Este bloco está dividido em nove fases, uma vez que serão lidos três contos e que para cada um deles realizaremos atividades de análise e interpretação. Como o público da EJA não dispõe de tempo fora da escola, é importante que todas as atividades sejam realizadas dentro dela.

**Primeira Fase: Conto “A caolha” de Júlia Lopes de Almeida**

**Tempo estimado :** 3 aulas de 50 minutos cada.

**Materiais a serem utilizados:** folhas impressas do conto “A caolha”, som, *Datashow*, computador, *pen drive* contendo os arquivos a serem utilizados.

Apresentamos a seguir uma sugestão de passo a passo:

1. A turma irá para a sala de vídeos<sup>3</sup>, onde serão disponibilizadas as cópias impressas do conto “A caolha”, de Júlia Lopes de Almeida, aos/às estudantes. A seguir, deverão promover uma leitura compartilhada da história. Ouvir também a leitura pelo vídeo do *You tube* da série “Os contos da meia noite”, que está disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=A3yFqsi84k>. (Tempo do vídeo: 8min. 54 seg.)

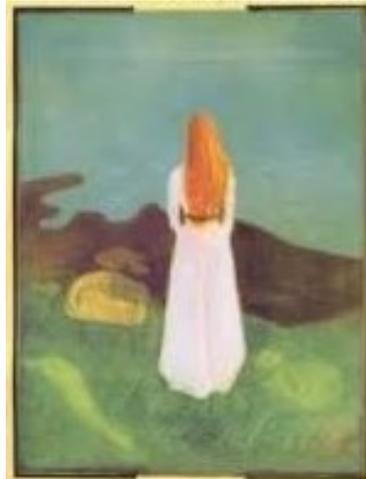
2. Logo após, os/as estudantes serão convidados/as a disponibilizar as cadeiras em círculo, para a fase de interpretação e análise do conto. Para isso, elaboramos várias questões, levando em conta os objetivos desta fase da sequência básica, o propósito de articulação do lido e do vivido, de análise das representações e identificações dos personagens e de relacioná-las a como os/as alunos/as se representam e se identificam. A depender da receptividade e interação da turma, as questões podem ser REDUZIDAS, AMPLIADAS E/OU ALTERADAS. Os/As estudantes poderão responder às questões oralmente, para que sintam a importância do diálogo, da socialização, da interação e do respeito pela opinião do/a outro/a.

Vamos às questões:

<sup>3</sup> Caso não tenha a sala de vídeo, o/a professor /a pode organizar a própria sala com os materiais necessários para a exibição do vídeo ou outro espaço disponível na escola.

1. Na sua opinião, por que o narrador descreve detalhadamente os aspectos físicos da Caolha? Como ela é representada e identificada por meio dessa descrição?
2. Nos primeiros parágrafos da história, o narrador descreve os sentimentos das pessoas e do filho que são despertados quando veem a Caolha, mas os dela não são descritos. Na sua opinião, por que isso acontece? A partir dessa descrição, como as pessoas e o filho são representados e identificados?
3. Por que o comportamento de Antonico foi mudando com a mãe, à medida que foi crescendo? Você considera que seu comportamento também foi mudando, à medida que foi crescendo?
4. Antonico deixou de ter um nome próprio para ser chamado e tratado como “o filho da Caolha”. Como isso afetou a sua vida, seu comportamento e sua identidade?
5. O apelido adquirido por Antonico, depois que passava pelos lugares o levou a não frequentar mais a escola. O *Bullying* é um problema antigo e atual. De que forma vocês enfrentariam esse problema? Já passaram por algo semelhante ou presenciaram?
6. Não há figura paterna na história. Levando em conta o contexto e a época e comparando aos dias de hoje, como a Caolha fugiu dos padrões impostos daquela época? Você considera que a figura paterna é importante? Você considera que a família de Antonico segue os padrões de sua época?
7. Quais são os sonhos da Caolha e quais são os sonhos de Antonico? Quais representações dos dois são construídas a partir desses sonhos?
8. Você conhece alguém que tem história semelhante em algum aspecto a essa família?
9. Em quais trechos da história os seguintes temas podem ser percebidos?
  - a. Abandono
  - b. Qualificação para o trabalho
  - c. O papel da mulher na sociedade
  - d. Caridade
  - e. Solidariedade
  - f. Conflitos familiares
  - g. Depressão
10. Escolha um desses temas e fale sobre ele, procurando relacionar ao que você vive.
11. O final da história é surpreendente? Por quê?
12. De que forma a Caolha demonstra o seu amor incondicional de mãe, na história? Isso acontece hoje em dia? Se sim, de que maneira?
13. Como você descreveria a Caolha ao final da história: uma mulher forte ou frágil? Por quê? E como você se descreveria?
14. Como a deficiência é vista e tratada hoje pela sociedade?
15. Sabemos que os atributos aparecem com muita frequência nos contos. No trecho “A caolha era uma mulher **magra, alta, macilenta**, peito **fundo**, busto **arqueado**, braços **compridos, delgados, largos** nos cotovelos, **grossos** nos pulsos; mãos **grandes, ossudas, estragadas** pelo reumatismo e pelo trabalho; unhas **grossas, chatas e cinzentas**, cabelo **crespo**, de uma cor **indecisa** entre o branco **sujo** e o louro **grisalho[...]**”, quais efeitos de sentido esses atributos constroem tendo em vista a representação e a identificação da personagem?

A seguir, conduzir, oralmente, em uma roda de conversa, uma discussão reflexiva sobre a imagem disponível entre o título e o corpo do texto das cópias lidas (ANEXO B).



- Observem que o gênero é composto por elementos verbais e não verbais. A imagem da mulher representando “A caolha” está de acordo com a descrição dada a ela no corpo do texto? Justifique.
- Como você lê a imagem?
- O que mais lhe chama a atenção nessa imagem? Por quê?

Professor/a, solicite aos/às estudantes para que façam um levantamento sobre as ONGs, escolas e casas de apoio aos deficientes existentes na cidade/localidade e que levem por escrito para a sala de aula (deve constar o nome, endereço e telefone). Se possível, entre em contato com um desses lugares (ONGs, escolas ou casas de apoio aos deficientes), convidando algum/a voluntário/a ou profissional para que vá à escola para dar depoimento ou palestra sobre as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiências. Solicitar ao/à convidado/a para que esse momento possa ser filmado para uso de algum trecho posteriormente na produção dos curtas-metragens. (Não se esqueça de fornecer um documento de autorização para que, caso concorde, o/a convidado/a assine, autorizando a exposição de imagem, caso isso ocorra).

### Segunda Fase: Conto “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa

**Tempo estimado:** 3 aulas de 50 minutos.

**Materiais a serem utilizados:** cópias impressas do conto para cada estudante, *Datashow*, computador, *pen drive* contendo os arquivos dos vídeos.

Apresentamos a seguir uma sugestão de passo a passo:

1. A turma irá para a sala de vídeos (ou qualquer outro espaço disponível para a exibição dos vídeos), onde serão disponibilizadas as cópias impressas do conto

“A terceira margem do rio”, de Guimarães Rosa. Disponibilizar o áudio “A terceira margem do rio”, para que os/as estudantes acompanhem a narração:

[https://www.youtube.com/watch?v=iB0tIZJydFM.](https://www.youtube.com/watch?v=iB0tIZJydFM)

2. Assistir a seguir, a narrativa visual do conto disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ueGgMaGtcUw> (4 min. 31 seg.)

Em seguida, solicitar que façam comentários comparando a leitura por meio do áudio e a narrativa visual. Ir pausando o vídeo para que possam recontar oralmente passagens do conto lido às imagens da narrativa visual. Pedir que descrevam quais as sensações tiveram com essa atividade.

3. A seguir, organizar as cadeiras em círculo, para a fase de interpretação e análise do conto. Para isso, devem ser levados em conta os objetivos desta fase da sequência básica, o propósito de articulação do lido e do vivido, de análise das representações e identificações dos personagens e de relacioná-las a como os/as alunos/as se representam e se identificam. A depender da receptividade e interação da turma, as questões podem ser REDUZIDAS, AMPLIADAS E/OU ALTERADAS. Os/As estudantes poderão responder às questões oralmente, para que sintam o quanto são importantes o diálogo, a socialização, a interação e o respeito pela opinião diferente da sua.

Vamos às questões:

1. O conto é narrado por quem?
2. O conto inicia com a constituição familiar aparentemente normal. Então veio o “de repente” ...O que acontece depois disso?
3. O que nos diz sobre a constituição de sua família?
4. Pode-se afirmar que o rio e o pai se identificam por meio do silêncio? Que pistas existem no texto para afirmar isso?
5. O pai sai de um lugar a um não lugar. Como se explica essa afirmação?
6. A canoa foi construída apenas para uma pessoa. Isso quer dizer que o pai queria ir sozinho?
7. O uso de neologismos (criação de novas palavras) é uma característica dos enredos criados por Guimarães Rosa. Que neologismos podem ser identificados no conto e o que eles significam?
8. Todos se espantam com a atitude do pai. Como isso repercute na família, com os vizinhos, com a mídia e com autoridades?
9. Há uma proximidade do pai com a família porque ele é visto constantemente no rio que passa próximo à moradia deles, entretanto, distante e isso provoca uma reação inquietante nos personagens. Qual?
10. Os personagens começam a se habituar com a atitude do pai e evitam falar do pai, mas pensam ainda sobre ele. E decidem retomar a vida. De que forma fazem isso? Um deles permanece ligado à figura paterna (na margem). Na sua opinião, por quê?
11. Qual o papel da figura materna na sua vida?
12. Como o pai e o filho são representados e identificados no conto?
13. O que seria a terceira margem do rio?
14. Em quais trechos da história os seguintes temas podem ser percebidos?
  - a. Aceitação e separação
  - b. Abandono
  - c. Solidão
  - d. Constituição familiar
  - e. Melancolia
  - f. Depressão
  - g. Ausência do Diálogo
  - h. Morte
15. Escolha um desses temas e fale sobre ele, procurando relacionar ao que você vive.
16. O filho se sente culpado, mas não sabe bem por que. Como isso pode ocorrer na vida real nas relações familiares?
17. Como os rompimentos dentro da família ocorrem hoje em dia e quais são as consequências?
18. Sabemos que os atributos aparecem com muita frequência nos contos. No trecho “Nosso pai era homem **cumpridor, ordeiro, positivo**; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas **sensatas** pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais **estúrdio** nem mais **triste** do que os outros, conhecidos nossos. Só **quieto**. [...]”, quais efeitos de sentido esses atributos constroem tendo em vista a representação e a identificação da personagem?

A seguir, conduzir uma discussão reflexiva, em uma roda de conversa, sobre a imagem entre o título e o corpo do texto (ANEXO D), disponível nas cópias lidas.



- A imagem do homem no barco, representando o pai do narrador- personagem no rio, está consoante com o enredo do conto? Justifique.
- A imagem é adequada ao texto “A terceira margem do rio?”
- Como você lê a imagem?
- O que mais lhe chama a atenção nessa imagem? Por quê?
- Onde é possível encontrar essas pessoas no nosso dia a dia?

Professor/a, solicite aos/às estudantes que façam um levantamento sobre os abrigos, creches, conselhos tutelares ou casas de acolhimentos ao menor abandonado existentes na cidade. E levem por escrito para a sala de aula (deve constar o nome, endereço e telefone). Então, se possível, entre em contato com um desses lugares agendando uma visita com os/as estudantes que puderem ir e quiserem visitar. Posteriormente, reúna toda a sala para que, aqueles/as que foram, possam dar depoimento de como foi a experiência. Outra possibilidade é convidar um/a palestrante responsável por esses abrigos/creches/conselho tutelar ou casas de acolhimento para falar sobre as crianças que frequentam/moram ou são abrigados nesses lugares. Solicite ao/à convidado/a para que esse momento possa ser filmado para uso de algum trecho posteriormente na produção dos curtas-metragens. (Não se esqueça de fornecer um documento de autorização para que, caso concorde, o/a convidado/a assine autorizando a exposição de imagem caso isso ocorra.)

### Terceira Fase: Conto “Clínica de repouso” de Dalton Trevisan

**Tempo estimado:** 3 aulas de 50 minutos.

**Materiais a serem utilizados:** cópias do conto impressas e distribuídas a cada estudante, *Datashow*, computador, som, *pen drive* com os arquivos a serem usados.

Sugestão do passo a passo:

1. A turma irá para a sala de vídeos onde serão disponibilizadas as cópias impressas do conto a “Clínica de repouso”, de Dalton Trevisan, a todos/as os/as estudantes e, logo após, os/as estudantes irão promover leitura compartilhada.
2. Discutir sobre a história lida: o que acharam da história, dos personagens; quais os temas que conseguem perceber, se essa história pode acontecer na vida real, etc.

3. A seguir, assistirão ao documentário de 10 min.32 seg.: “Abandono aos idosos – uma realidade despercebida”, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=cBrvEUI9uGc> .

4. Continuando, disponibilizar as cadeiras em círculo, para analisarem o conto, tendo em vista as especificidades do gênero, os pressupostos da ADC e os objetivos dessa sequência, na qual serão apresentadas algumas perguntas aos/às estudantes que podem variar ou alterar de acordo com a receptividade e interação da turma. Os/As estudantes poderão responder oralmente, para que sintam que a socialização, a interação e o respeito pela opinião diferente da sua são fundamentais.

Vamos às questões:

1. O título do conto está de acordo com a história? Por quê?
2. Podemos afirmar que a personagem Dona Candinha foi desrespeitada? Justifique.
3. O tratamento que a filha deu à sua mãe, colocando-a no asilo, é diferente do que acontece hoje em dia? O que mudou do ano em que foi publicado o conto, 1979, para os dias de hoje sobre os idosos?
4. Como é a sua relação com os idosos da família?
5. O que você acha sobre os idosos serem deixados em clínicas pelos familiares?
6. Você já visitou uma casa de idosos? Se sim, relate como foi.
7. A resistência da Dona Candinha à presença do genro João acontece de que maneira nas famílias na vida real?
8. Como a experiência de vida do idoso pode ser valorizada pelos familiares?
9. Em quais trechos da história os seguintes temas podem ser percebidos, se foram o não resolvidos na história e por quê?
  - a. Aceitação e separação
  - b. Abandono
  - c. Solidão
  - d. Constituição familiar
  - e. Melancolia
  - f. Depressão
  - g. Ausência do Diálogo
10. O que esses discursos (a - g) fora do conto querem dizer hoje em dia? O capitalismo influencia nesses discursos? Como?
11. Como o idoso é visto na sociedade quando ele está ativo e inativo?
12. Como o idoso tem sido visto na possibilidade de uma Reforma Previdenciária no Brasil?

A seguir, conduzir uma discussão reflexiva, em uma roda de conversa, sobre a imagem disponível entre o título e o corpo do texto (ANEXO E) nas cópias lidas.



- A imagem das mãos está de acordo com o enredo do conto? Justifique.
- A imagem é adequada ao texto “Clínica de repouso?”
- Como você lê a imagem?
- O que mais lhe chama a atenção nessa imagem? Por quê?
- Essa imagem está mais presente nos textos literários ou não literários? Justifique.
- Onde é possível encontrar essas pessoas no nosso dia?

Professor/a, solicite aos/às estudantes que façam um levantamento sobre os abrigos ou casas de acolhimentos ao idoso existentes na cidade e levem, por escrito, para a sala de aula (deve constar o nome, endereço e telefone). Caso seja possível, entre em contato com esses locais, agendando uma visita juntamente com os/as estudantes que puderem ir e quiserem visitar. Posteriormente, reúna toda a sala para que, aqueles/as que foram, possam dar depoimento de como foi a experiência. Outra possibilidade é convidar um/a palestrante responsável por esses abrigos ou casas de acolhimento ao idoso para falar sobre os idosos que frequentam/moram nesses lugares. Solicite ao/à palestrante/a autorização para ser filmado, visando o uso de algum trecho posteriormente na produção dos curtas-metragens (Não se esqueça de fornecer um documento para que, caso concorde, o/a convidado/a assine autorizando a exposição de imagem caso isso ocorra.) Havendo na turma da EJA estudantes que sejam idosos/as e, caso os/as mesmos/as tenham interesse, convide-os/as para dar depoimento sobre o que é ser idoso/a nos diversos espaços que eles/as ocupam como dentro de casa, na rua, na escola, nas festas, na casa dos parentes, no trabalho etc.

#### Quarta Fase: Contexto de produção e constituição do gênero conto

**Tempo estimado:** 3 aulas de 50 minutos.

**Materiais a serem utilizados:** cópias das perguntas do contexto de produção e constituição do gênero e cópias de todos os contos lidos (já distribuídos aos/as estudantes durante as fases anteriores) e distribuídas a cada estudante, *Datashow*.

#### **Objetivos:**

- Conhecer as características e especificidades do gênero conto;
- Conhecer o contexto de produção do gênero conto.

Sugestão do passo a passo:

1. Dividir a turma em grupos de acordo com os 3 últimos contos lidos e distribuir para cada grupo as perguntas relacionadas com o contexto de produção e constituição do gênero (construção composicional, conteúdo temático e estilo).

Professor /a, pensando na questão de ser possível inter cruzar os passos da sequência básica, de acordo com Cosson (2012), as perguntas a seguir foram elaboradas com o intuito de trabalhar com o passo da interpretação da sequência básica em consonância com aspectos referentes ao contexto de produção, distribuição e consumo dos textos, aspectos do vocabulário, aspectos dos elementos constituintes do gênero<sup>4</sup>, aspectos da multimodalidade, pois tudo isso ajudará os/as estudantes a construir sentidos sobre os textos que leem.

2. Solicitar que informem por escrito a partir da leitura dos contos as respostas obtidas.
3. Logo após, socializar os estudos para toda a turma, por meio da oralidade, de forma que todos/as os/as estudantes percebam as semelhanças do gênero presentes nos contos lidos.

QUADRO 2 - Roteiro para a análise (a ser usado para todos os contos):

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO	CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Quem produziu o conto? O que isso pode indicar?</li> <li>2. Quando ele foi produzido? O que isso pode indicar?</li> <li>3. Em qual contexto histórico/literário podemos situá-lo? O que isso pode indicar?</li> <li>4. Para quem ele foi produzido? O que isso pode indicar?</li> <li>5. Onde esse gênero circula? O que isso pode indicar?</li> <li>6. Qual a função sociocomunicativa desse gênero?</li> <li>7. A que campo ou esfera, o conto se vincula (religiosa, científica, literária etc.)?</li> <li>8. Como essa esfera influencia na constituição do gênero conto?</li> </ol>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. O conto apresenta uma superestrutura recorrente: equilíbrio inicial, o conflito e o desfecho. O que isso pode indicar? Pensando nisso responda: <ol style="list-style-type: none"> <li>a. Qual a situação de equilíbrio?</li> <li>b. Qual é o conflito?</li> <li>c. E, por fim, qual o desfecho?</li> </ol> </li> <li>2. Qual(s) o(s) são o(s) espaço(s) existente(s) na narrativa?</li> <li>3. Quais pré-gêneros<sup>5</sup> constituem o gênero e qual é predominante no conto que leu (ex: narração, dissertação, descrição, exposição)?</li> <li>4. O texto é escrito em prosa ou em verso?</li> <li>5. O texto é constituído só pela linguagem verbal?</li> <li>6. O texto pode ser considerado longo?</li> </ol>

<sup>4</sup> Bakhtin (2003) aponta para três elementos que constituem o gênero. Sendo eles a construção composicional (relacionada a estrutura geral do gênero), o conteúdo temático (o que é dizível no gênero) e o estilo (os recursos gramaticais, lexicais, fraseológicos usados para compor o gênero). O autor afirma que esses três elementos são indissociáveis.

<sup>5</sup> O termo pré-gêneros é usado por Fairclough (2003), quando ele trata do nível de abstração na abordagem de gêneros. Segundo ele, os pré-gêneros estão em um alto nível de abstração, de modo que não é possível associá-los a uma prática social específica. Eles entram na composição de vários gêneros. São exemplos de pré-gêneros: narração, dissertação, descrição, exposição, injunção. Nós podemos ter o pré-gênero narração, por exemplo, constituindo o gênero conto, crônica, romance, artigo de opinião, reportagem etc. Nós podemos associá-los do que conhecemos como tipo textual.

CONTEÚDO TEMÁTICO	ESTILO
1. Do que trata o texto que vocês leram? 2. Considerando os contos já lidos, o que se espera que seja dito no gênero conto?	1. Há predominância de qual variedade linguística? 2. Há mais frases afirmativas, negativas, interrogativas ou exclamativas? Quais os efeitos disso? 3. Há diálogos? Se sim, qual recurso é usado para organizá-los? 4. Qual tempo verbal predominante e como se relaciona aos pré-gêneros que constituem o texto? 5. Qual linguagem que prevalece no conto? Verbal ou não verbal? 6. Há mais orações simples ou complexas? Como isso contribui para a fluidez do texto? 7. Há mais períodos constituídos por coordenação ou por subordinação? Como isso contribui para a fluidez do texto? 8. Quais as principais relações semânticas estabelecidas entre as orações (adição, contraste, conclusão, explicação, concessão, finalidade etc.)? 9. Há metáforas no texto? Se sim, relacione isso às especificidades do gênero. 10. Há marcas de tempo e de espaço no texto? Relacione às especificidades do gênero. 11. O narrador é personagem ou observador? 12. Quais os recursos lexicais predominantes no conto? 13. O que predomina mais: o registro formal ou informal?

Fonte: A autora.

### **Quinta Fase: Produção do Roteiro**

Para esta fase, dividida em três partes, com o tempo previsto de 7 aulas de 50 minutos, propomos a produção de roteiros. Esse gênero é fundamental para a próxima fase, a produção dos curtas-metragens, pois descreve, antecede e prevê uma sequência narrativa composta por diálogos, cenários, figurinos, músicas, indicações de tempo (dia, noite, tarde), linguagens corporais e demais elementos da dramaturgia. Esse trabalho relaciona-se com os contos lidos, uma vez que ao recontá-los, da maneira deles/as, os/as estudantes apropriam-se desses textos, transformando-os (os textos) em outro texto autoral. Ao mesmo tempo, eles/as procuram manter a essência do que leram e passarão por um processo de construção a partir dos contos lidos. Os/As aprendizes poderão, então, tornarem-se, além de leitores/as, também autores/as. Portanto, é um gênero que liga a literatura à produção audiovisual, ao curta-metragem. Para isso, é preciso levar em conta aspectos históricos da vida dos/as autores/as, as histórias lidas, os depoimentos, as

palestras e as visitas realizadas na cidade. Essa produção possui relação com os multiletramentos (multiplicidade de culturas e multiplicidade de linguagens), pois deverão buscar diversas modalidades de linguagem para compor o roteiro.

### **Primeira parte: Familiarização com o gênero roteiro cinematográfico**

**Tempo estimado:** 2 aulas de 50 minutos

**Materiais a serem utilizados:** *Datashow*, computador, *pen drive* contendo os arquivos de vídeos, cópia a cada um/a dos/as estudantes de um exemplo de roteiro de curta-metragem.

#### **Objetivos:**

- Familiarizar os/as estudantes com o gênero roteiro;
- Apresentar as partes de um roteiro e as características desse gênero.

A seguir, uma sugestão do passo a passo:

1. Inicialmente os/as estudantes serão questionados/as se eles/as acham que deve existir algum gênero antes da filmagem de uma história; se eles/as sabem como é chamado; como fazer; se eles/as julgam importante haver este gênero; por quê; o que deve ser escrito nesse gênero para que a filmagem ocorra da maneira correta etc.
2. A seguir, escrever a palavra Roteiro na lousa. Explicar que é o gênero que “planeja” a dramaturgia e que possui elementos e partes que são fundamentais para a adaptação do conto que eles/as irão produzir.
3. A seguir, passar o tutorial sobre o gênero roteiro, disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=2tGuA7t7jz8>

Tempo do vídeo 3 min.51 seg.

4. Por meio de *Powerpoint*, explicar maiores detalhes sobre o gênero roteiro.

Disponível em:

<https://drive.google.com/drive/folders/1utaSGvGnRamEAocinkVq0ND1BsdtmqK8>

5. Entregar aos/às estudantes um roteiro de curta-metragem, disponível em:

<https://originaconteudo.com.br/arquivos/ta-na-cara-1e2ato.pdf>

6. Discutir com os/as estudantes sobre a compreensão do modelo do roteiro disponibilizado no item 5, levando-os/as a pensar sobre a maneira como foram construídas as cenas, os atos, os personagens, o conflito, os cenários, as características dos personagens, os diálogos.

### **Segunda parte: Produção do Roteiro**

**Tempo estimado:** 4 aulas de 50 minutos.

**Materiais a serem utilizados:** folhas de papel em branco, contos impressos a cada integrante do grupo, modelo de roteiro, computadores, *pen drive* constando os arquivos das palestras/depoimentos feitos em sala pelos/as convidados/as.

#### **Objetivos:**

- Produzir os roteiros dos curtas-metragens a partir dos contos lidos.

#### **Passo a passo:**

1. Discutir com os/as estudantes sobre qual/is os contos eles/as farão os curtas-metragens.
2. Possibilitar que os/as estudantes se organizem em grupos e escolham os contos que preferem para fazerem os curtas-metragens. (Caso haja mais de um grupo interessado pelo mesmo conto, pode-se optar pelo sorteio.)
3. Entregar uma folha para que escrevam coletivamente uma breve síntese do conto.
4. Entregar um modelo de roteiro para que criem o seu, de acordo com orientações e modelo (ANEXO G) e realizem as adaptações conforme discussão do grupo.

Professor/a, você pode incentivá-los/as a modificar, extrapolar, ampliar ou reduzir os contos. Com isso, os/as estudantes irão sentir-se de fato protagonistas e autônomos e, conseqüentemente mais confiantes em si mesmos.

5. Orientá-los/as para que escolham em algum momento do roteiro, que acharem oportuno, algum/ns trechos dos depoimentos/palestras realizadas (pode ser no início, meio e fim do curta-metragem ou apenas em um momento ou dois. Essa decisão caberá ao grupo e esses trechos devem estar relacionados com o

que estão criando no roteiro). Preferencialmente, trechos que sejam levantadas reflexões críticas sobre os contos adaptados em forma de curta-metragem ou, caso prefiram, selecionar trechos das palestras a fim de que sejam inseridos no início ou final do curta-metragem.

6. Lembrá-los/as de que podem inserir músicas e outros sons que julgarem importantes, que podem adaptar alterando as falas dos personagens e que devem escrever quais os ambientes (onde as cenas irão ocorrer dentro da história), como será a composição do cenário. Além disso, é importante que escrevam como serão os figurinos.
7. Caso seja possível e, se tiver computadores na escola disponíveis para o uso dos/as estudantes, archive os contos nas telas dos computadores (área de trabalho) em *Word* para facilitar a construção desses roteiros, pois poderão aproveitar algumas partes dos contos já prontos. Ademais, os/as estudantes poderão experimentar a digitação de textos e, dentre eles/as e até com a mediação do/a professor/a, aprender algumas dicas que ajudarão a realizar essa atividade (copiar, recortar, colar, justificar, tamanho da fonte, destaque do texto etc.).

### **Terceira parte: divisão das funções do roteiro**

**Tempo estimado:** 1 aula de 50 minutos

Os/As estudantes devem dividir as funções de acordo com o roteiro criado (já impresso uma cópia para cada integrante) e decidir:

- ⇒ Quem serão os personagens?
- ⇒ Quem dentre os/as estudantes será o/a diretor/a?
- ⇒ Quem dentre os/as estudantes irá filmar a história?
- ⇒ Quais os locais da escola serão utilizados de acordo com o roteiro produzido?  
Esses locais deverão ser adaptados? Em caso afirmativo, de que forma?
- ⇒ Conforme o roteiro, como os personagens devem estar caracterizados (figurino)?
- ⇒ Que objetos devem constar durante a filmagem conforme o roteiro?

O/A professor/a deverá prestar as assistências e mediações que forem solicitadas durante essa organização e, se possível, fazer parcerias com o/a professor/a de Artes. É importante

que cada grupo tenha um/a integrante responsável por entregar os roteiros elaborados com os nomes de cada componente do grupo constando o papel a ser desempenhado.

Professor/a, as turmas de EJA muitas vezes são bastante reduzidas. Se for o caso, pense em escolher o conto que atenderá ao número de estudantes disponíveis e realize a produção do roteiro coletivamente, ou seja, incentive-os/as a produzirem apenas um roteiro.

### **Sexta Fase: Produção dos curtas-metragens**

Para esta fase, dividida em duas partes, com o tempo previsto de 6 aulas de 50 minutos, sugerimos a produção de um curta-metragem, embasada nos fundamentos da Pedagogia dos Multiletramentos, cuja multiplicidade de linguagens e culturas podem ser evidenciadas neste tipo de produção. Para a produção de um curta-metragem uma série de linguagens são acionadas em frente a uma câmera como verbais, visuais e sonoras. As expressões faciais, gestos, imagens, sons, efeitos de luz, são apenas alguns itens que compõem as semioses. Além disso, o enquadre da ação e do cenário, a iluminação, o uso dos figurinos, assim como a dramatização dos personagens, repetidas vezes até alcançar a descrição do roteiro, a comunicação entre os/as integrantes do grupo para alcançar os objetivos propostos e até mesmo a filmadora/ câmera ligada para gravar, possibilitam que alcancem os multiletramentos.

#### **Primeira parte :Familiarização com o gênero audiovisual curta-metragem**

**Tempo estimado:** 1 aula de 50 minutos.

**Materiais a serem utilizados:** *Datashow*, som, computador, *pen drive* constando os arquivos de vídeo a serem exibidos.

#### **Objetivo:**

- Familiarizar os/as estudantes ao gênero curta-metragem;
  - Apresentar as características desse gênero.
- ⇒ Para que os/as estudantes possam compreender melhor o gênero curta-metragem e as características que o compõem, além da produção dos curtas-metragens, eles/as irão assistir a três curtas-metragens:
- “*Geris Game*”: Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=dMUZf-Ej6ec>

Tempo do vídeo: 4 min.32 seg.

- “A carta”. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=MxfGFewqDtE>

Tempo do vídeo: 5 min.11 seg.

- “Um garoto, um videogame, um presente, um cachorro e uma deficiência!” Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=WWZjICLzKnY>

Tempo do vídeo: 3 min.19 seg.

Analisar as características dos três curtas-metragens em grupos, a seguir:

- Os curtas-metragens se assemelham em algum aspecto aos contos lidos? Explique.
- Quais os recursos semióticos são necessários para a produção desses curtas-metragens? (Som, imagem, áudio, roteiro, programa etc)?
- Qual é a função sociocomunicativa de um curta-metragem?

Cada grupo receberá uma cartolina para o registro das discussões. Socializar as discussões feitas no grupo com toda a turma.

## Segunda parte: Produção de curtas-metragens do lido e vivido/analizado

**Tempo estimado:** 5 aulas de 50 minutos.

**Materiais a serem utilizados:** celulares, filmadoras, roupas para figurinos dos personagens de acordo com os roteiros/s produzidos/s pelos/as estudantes, adaptação dos ambientes para as filmagens de acordo com o/s roteiro/s.

### Objetivo:

- Produzir curtas-metragens referente aos contos lidos.

### Passo a passo:

1. Para que os/as estudantes sintam-se amparados, durante as filmagens nos espaços adaptados e com o uso adequado dos figurinos, sugerimos que cada roteiro seja

filmado em dias diferentes e com a presença do/a professor/a responsável e/ou demais professores/as parceiros/as da proposta didática;

2. Possibilitar aos/às estudantes a filmagem da história referente aos contos e de acordo com o roteiro criado, quantas vezes acharem necessário opinando apenas quando achar conveniente;
3. Os/As estudantes deverão criar uma pasta nos computadores do Laboratório de Informática/ou outros computadores e também salvar o material da filmagem em um *pen drive* (disponibilizado pelo/a professor/a) e nos *e-mails* (caso tenham) para que não percam o que produziram.

Professor/a, caso ocorra a filmagem de apenas um roteiro, distribua as tarefas de maneira que nenhum/a estudante fique de fora.

Na falta do laboratório de informática, organize adequações possíveis como: uso de um *notebook* e *Datashow* para que todos/as acompanhem e participem da produção do curta-metragem. Ou faça uso de outro espaço na escola que tenha computador/es disponível/is. Converse previamente com a equipe gestora e pedagógica sobre essas alternativas.

### Sétima Fase: Edição dos vídeos

**Tempo estimado:** 2 aulas de 50 minutos.

**Material a ser utilizado:** computadores, *Datashow*, *pen drives*, fones de ouvido, som, programa *Wondershare* instalado nos computadores.

#### **Objetivos:**

- Conhecer o programa *Wondershare*;
- Criar os curtas-metragens.

#### **Passo a passo:**

1. Assistir na sala de vídeo ao tutorial sobre o programa disponível em:

<https://filmora.wondershare.com/pt-br/guia/> (Tempo de vídeo: 5 min.17seg.)

2. No laboratório de informática (ou outro espaço que seja possível utilizar um ou mais computadores), abrir o programa para a produção de vídeos (que já deverá estar disponível na área de trabalho de todos os computadores do laboratório de

informática) de produção de vídeos “*Wondershare*” para que se familiarizem com ele.

3. Importar os vídeos, áudios e imagens feitos nas etapas anteriores;
4. Adicionar os efeitos (com o filtro de efeito de desenhos para que os personagens do curta não sejam reconhecidos), as músicas, os títulos etc.;
5. Inserir, em cada ato, os trechos reflexivos dos depoimentos /palestras realizadas (Podendo ser no início, meio ou ao final conforme o roteiro criado).
6. Realizar os cortes conforme acharem necessário;
7. Exportar o vídeo editado para salvá-lo no *You Tube* (caso nenhum/a estudante tenha uma conta ou queira disponibilizar a conta, pode-se fazer uma para esse fim) e em um *pen drive* para que o público tenha acesso ao trabalho dos/as estudantes durante o festival que será realizado na 8ª fase.

Professor/a, o *Wondershare Filmora* será o programa que os/as estudantes irão utilizar para fazer os curtas-metragens. No entanto, pode deixá-los livres para pesquisar outros programas, de forma que contenham ferramentas necessárias para a produção e edição dos curtas-metragens. Isso deve ser organizado com antecedência, para que não percam tempo no laboratório de informática (ou outros espaços), já que cada programa demandará um conhecimento prévio do uso de suas ferramentas. O ideal é criar um pequeno tutorial, com a ajuda daqueles/as estudantes que dominam a questão de postagem de vídeos (a fim de garantir o protagonismo), sobre como disponibilizar vídeos no *You tube*.

A fim de facilitar o uso desse programa, criamos um tutorial. Seguir o passo a passo facilitará todo o processo de produção dos curtas-metragens.

#### **Passo a passo para usar o programa *Wondershare Filmora*:**

1. Abrir o programa;
2. Clicar em modo completo;
3. Clicar em arquivo e a seguir em arquivo, importação de mídia e em importar mídia;
4. Importar todos os arquivos que serão utilizados para a produção do curta-metragem, inclusive músicas;
5. Clicar no primeiro arquivo que comporá a sequência do curta-metragem e arrastá-lo até a linha do tempo; visualizar o arquivo, realizar corte se necessário.
6. Fazer o mesmo processo com todos os outros arquivos;
7. Incluir músicas na linha do tempo destinada a elas, caso tenham sido planejadas, arrastando-as da mesma maneira que fizeram com os vídeos;
8. Clicar em filtro;
9. Clicar em *sketch* e arrastar em todo a extensão do vídeo para que as imagens virem desenhos;
10. Caso queiram, clicar em áudio para alterar a voz;
11. Inserir textos caso tenham planejado;
12. Clicar em remasterizar para que o vídeo seja produzido com maior rapidez;
13. Clicar em exportar;
14. Exportar para um arquivo do computador e pen drive(s);
15. Exportar para a conta de *You tube* (pode ser do/a professor/a).

#### **Importante:**

- I. Observar o tempo que não poderá ultrapassar os 15 minutos;
- II. Rodar todo o vídeo antes de exportar observando a qualidade do áudio e das imagens.

### Oitava Fase: Preparativos para o Festival de Curtas-Metragens

**Tempo estimado:** 2 aulas de 50 minutos cada.

**Objetivos:**

- Incentivar o protagonismo dos/as estudantes;
- Contribuir para desenvolver a autonomia e desenvoltura dos/as estudantes participantes da proposta frente às tarefas que lhes serão designadas;
- Organizar o Festival de Curtas-metragens.

Conversar com os/as estudantes sobre como o evento - o Festival de Curta-Metragem - pode ser organizado.

As seguintes perguntas poderão nortear os /as estudantes para as ações que antecedem o dia do festival:

- Qual o dia do calendário poderá ocorrer o evento? Verificar a data junto à equipe de Coordenação e equipe Gestora;
- Em que lugar o evento pode ocorrer?
- Quais as turmas poderão participar do evento?
- Quem mais poderá ser convidado/a a participar?
- De que forma o convite pode ser feito? Sugerir que dois ou três estudantes passem nas salas fazendo o convite oralmente.
- Quem poderá confeccionar o convite/*folder*? (Imagens, dia, local, data e demais elementos gráficos)
- Até que dia o convite deve estar pronto?
- Em que lugares o *folder* poderá ser fixado?
- De que forma ocorrerá o evento? Sugerir que confeccionem um percurso pedagógico mostrando por meio de cartazes e fotos desde o início da proposta e que já deixem estudantes responsáveis por fixar o percurso e organizar o local.
- Quem falará sobre o que é esse evento no dia do Festival para todas as turmas?
- Haverá pipoca e refrigerante? Em caso afirmativo, quem ficará responsável por todo o processo inclusive distribuição?
- Quem ficará responsável pelos equipamentos a serem utilizados (pen-drive com o curta-metragem, computador, som, *Datashow*, dentre outros) e exibição dos curtas-metragens?
- Quem irá entregar e recolher uma folha avaliativa dos curtas-metragens exibidos?
- Pedir que um/a estudante anote todas as decisões para que possam consultar e manter a organização para o dia do Festival.
- Quem irá cuidar da arrumação do espaço ao final do Festival deixando o ambiente utilizado limpo e organizado conforme estava inicialmente?

**Nona fase: Festival de Curtas-metragens**

**Tempo estimado:** 2 aulas de 50 minutos cada.

**Materiais a serem utilizados:** *Datashow*, computador, *pen drive*, som, pipoca, refrigerante, folhas para avaliar os curtas produzidos.

**Objetivo:**

- Dar visibilidade aos curtas-metragens produzidos pelos/as estudantes.

**Passo a passo:**

Os curtas-metragens deverão ser exibidos aos/às estudantes, caso seja possível a toda a escola, em forma de Festival de Curtas e em uma sala ampla que comporte mais turmas. Caso seja necessário e não tenha espaço maior, realize a exibição dos curtas-metragens em mais de uma sessão.

Ao final, os/as estudantes e/ou comunidade escolar poderão avaliar os curtas-metragens conforme quadro a seguir e colocar o formulário de avaliação preenchido dentro de uma caixa:

**QUADRO 3 - Avaliação dos curtas-metragens pelo público**

Caríssimo/a participante, agradecemos por sua participação e por atender ao convite para apreciar os curtas-metragens produzidos/as pelos/as estudantes. Solicitamos que, por gentileza, avalie os curtas-metragens, da maneira mais sincera possível, com vistas a ajudar os/as estudantes a refletir e receber um *feedback* desse trabalho realizado.

Assinalar com um x:

	CURTA-METRAGEM 1	CURTA-METRAGEM 2	CURTA-METRAGEM 3
Qualidade e criatividade da edição (Som)			
Qualidade e criatividade da edição (Imagem)			
Originalidade			
Criatividade			
Atuação dos personagens			
Adequação, criatividade das roupas, cenário e adereços ao tema proposto			
O tema que mais chamou a atenção:			

Fonte :Quadro criado pela pesquisadora para avaliar os curtas-metragens.

No mesmo dia ou posteriormente, fazer uma avaliação com os/as estudantes que produziram os roteiros e os curtas-metragens, utilizando, para isso, o quadro a seguir:

#### QUADRO 4 - Avaliação dos curtas-metragens pelos/as participantes da proposta

Caríssimo/a estudante, agradecemos por todo o empenho na realização de cada fase dessa proposta até a produção dos curtas-metragens. Solicitamos que, por gentileza, avalie os curtas-metragens, da maneira mais sincera possível, com vistas a refletir sobre o próprio trabalho realizado e dê um *feedback* para os/as colegas sobre os curtas-metragens.

Assinale com um X:

CURTA-METRAGEM: ADAPTAÇÃO DO CONTO .....	REGULAR	BOM	ÓTIMO
Técnica de montagem e edição a partir do <i>Wondershare</i> Filmora			
Adequação do curta-metragem ao roteiro criado			
Escolha do fundo musical			
Qualidade e criatividade da edição (Som)			
Qualidade e criatividade da edição (Imagem)			
Originalidade			
Adequação, criatividade das roupas, cenário e adereços ao tema proposto			
Atuação dos personagens			
O que mais chamou a atenção/ aprendeu entre a produção do roteiro e a produção do curta-metragem:			

Fonte: Quadro criado pela pesquisadora para avaliar os curtas-metragens.

Recolher as avaliações e construir uma tabela ou gráfico (pode ser juntamente com os/as estudantes) sobre o resultado das avaliações. Oportunizar que eles/as opinem criticamente sobre esses resultados.

### 2.7 Bloco 5: Avaliação

**Tempo estimado:** 1 aula de 50 minutos.

#### Objetivos:

- Refletir sobre o que os/as estudantes aprenderam a partir das aulas sobre os contos, sobre a produção de roteiros e curtas-metragens;

- Conduzir os/as estudantes a pensarem sobre como os novos conhecimentos foram sendo adquiridos.

Os objetivos poderão ser alcançados a partir da entrevista semiestruturada que poderá ser gravada, caso o/a estudante permita.

⇒ Realizar uma entrevista semiestruturada com os/as participantes da pesquisa.

#### SUGESTÃO DE ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. O que a sua participação no desenvolvimento da proposta de leitura e de produção de textos significou para você e para sua aprendizagem?
2. Como a leitura interfere ou interferiu na maneira de você pensar / viver a partir da sua participação nesse trabalho?

A leitura dos contos sugeridos nessa proposta representa uma maneira de aproximar o/a leitor/a do texto literário, que possui natureza polissêmica e constitui-se de um momento de prazer e/ou de fruição. É o instante crucial para o/a professor/a de LP e para o/a estudante, pois tanto poderá estabelecer uma relação de estima e desejo pela leitura ou refutar-se a ela, poderá ser significativo e ajudar o/a estudante a compreender a realidade em que vive, construir sentidos ou poderá ser apenas mais um texto.

Acreditamos que todas as fases da proposta são importantes, mas o/a professor/a é livre para adaptá-las, para escolher se quer trabalhar com um bloco ou mais; tudo isso dependerá de seus objetivos. O que não podemos esquecer é que se trata de uma proposta que, como um todo, pautou-se na ADC, na Pedagogia dos Multiletramentos, no Letramento Crítico e no letramento literário. Esses aportes teórico-metodológicos foram acionados com o objetivo de contribuir para o protagonismo do/a aprendiz, para o desenvolvimento de consciência crítica dele/a, para valorização do texto literário, para a formação de alunos/as leitores/as, para o trabalho com a multiplicidade de linguagens e de cultura. Nesse bojo, é importante lembrar do papel formador/a, mediador/a e provocador/a do/a professor/a. Nosso intuito é fazer com que os/as estudantes da EJA percebam a relevância da linguagem e a importância de sentirem-se ouvidos/as, de adotarem posturas críticas, reflexivas e atuantes frente à sociedade a qual estão inseridos/as.

O gênero explorado nesta proposta representa uma forma de agir e interagir (FAIRCLOUGH, 2003). Escolhemos esses contos porque eles contêm diversos temas

que fazem parte da vida dos/as estudantes, colaborando para que as emoções, os valores, as crenças e as relações sejam criticamente repensadas, refletidas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. L. de. **Ânsia eterna**. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Garnier, 1903.
- ASSIS, M. de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. II.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.
- \_\_\_\_\_. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. De M. Lahud e Y. F. Vieira. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006. 196 p.
- BARTHES, R. **O prazer do texto**. Tradução de J. Buinsurg. São Paulo, SP: Perspectiva, 1996.
- \_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a Educação de Jovens e Adultos: Segundo segmento do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série)**. Vol. 1. Introdução. Brasília: MEC/SEF, 2002. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja\\_livro\\_01.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_livro_01.pdf)> Acesso em: 30 de março de 2018.
- \_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.
- \_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.
- BOJUNGA, L. **Tchau**. 19. ed. Casa Lygia Bojunga: Rio de Janeiro, 2014.
- CANDIDO, A. **Direitos humanos e literatura**. In: FESTER, A. C. Ribeiro e outros. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity: Rethinking critical discourse analysis**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 1999. 168 p.
- COMPARATO, D. **Da criação ao roteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1983.
- COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2012. 139 p.
- \_\_\_\_\_. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Contexto, 2014. 189 p.
- DUBOC, A. P. M. **Atitude Curricular**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003. 270 p.

FIELD, S. **Manual do Roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.<sup>a</sup> edição. 107 p.

GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**. 4 ed. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MENEZES DE SOUZA, L. M. **Para uma redefinição de Letramento Crítico: conflito e produção de significação**. In: MACIEL, R. F; ARAÚJO, V. A. (Org.) **Formação de Professores de Línguas: ampliando perspectivas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011, p. 128 -140.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: nova perspectiva**. In: SOUZA, Celina O. de. (Trad.). São Paulo: Ed. 34, 2008.

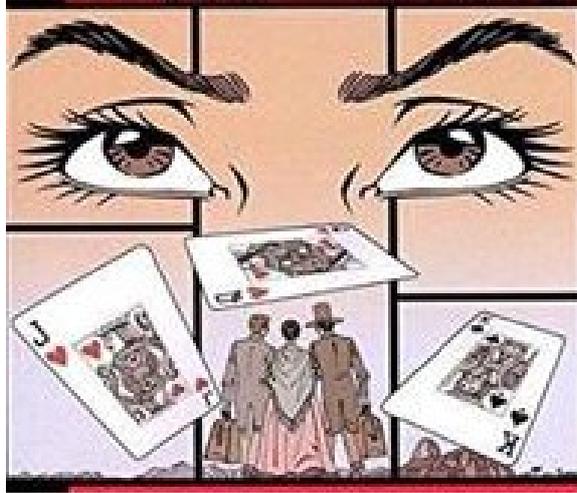
ROJO, R. **Pedagogia dos multiletramentos: Diversidade cultural de linguagem na escola**. In ROJO, R.; H. MOURA, Ed. (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROSA, J. G. **A terceira margem do rio**. In: \_\_\_\_\_. **Ficção completa: volume II**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994, p. 409 - 413.

TREVISAN, D. **Clínica de repouso**. Julieta de Godoy Ladeira, org. **Contos brasileiros contemporâneos**. São Paulo: Moderna. 1994.

**ANEXOS**

## ANEXO A – “A cartomante” de Machado de Assis



HAMLET observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

- Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

- Errou! - interrompeu Camilo, rindo.

- Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

- Qual saber! Tive muita cautela ao entrar na casa.

- Onde é a casa?

- Aqui perto, na Rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

- Tu crês de veras nessas cousas? — perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranquila e satisfeita.

Cuidou que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices que a mãe lhe inculcou e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não

possuía um só argumento: limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela. Os dois primeiros eram amigos de infância. Vilela seguiu a carreira de magistrado. Camilo entrou no funcionalismo, contra a vontade do pai, que queria vê-lo médico; mas o pai morreu, e Camilo preferiu não ser nada, até que a mãe lhe arranjou um emprego público. No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde casara com uma dama formosa e tonta; abandonou a magistratura e veio abrir banca de advogado. Camilo arranjou-lhe casa para os lados de Botafogo, e foi a bordo recebê-lo. "É o senhor?", exclamou Rita, estendendo-lhe a mão. "Não imagina como meu marido é seu amigo, falava sempre do senhor."

Camilo e Vilela olharam-se com ternura. Eram amigos deveras. Depois, Camilo confessou de si para si que a mulher do Vilela não desmentia as cartas do marido. Realmente, era graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa. Era um pouco mais velha que ambos: contava trinta anos, Vilela vinte e nove e Camilo vinte e seis.

Entretanto, o porte grave de Vilela fazia-o parecer mais velho que a mulher, enquanto Camilo era um ingênuo na vida moral e prática. Faltava-lhe tanto a ação do tempo, como os óculos de cristal, que a natureza põe no berço de alguns para adiantar os anos. Nem experiência, nem intuição. Uniram-se os três. Convivência trouxe intimidade. Pouco depois morreu a mãe de Camilo, e nesse desastre, que o foi, os dois mostraram-se grandes amigos dele. Vilela cuidou do enterro, dos sufrágios e do inventário; Rita tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor.

Como daí chegaram ao amor, não o soube ele nunca. A verdade é que gostava de passar as horas ao lado dela, era a sua enfermeira moral, quase uma irmã, mas principalmente era mulher e bonita. *Odor di femmina*: eis o que ele aspirava nela, e em volta dela, para incorporá-lo em si próprio. Liam os mesmos livros, iam juntos a teatros e passeios. Camilo ensinou-lhe a damas e o xadrez e jogavam às noites: ela mal; ele, para lhe ser agradável, pouco menos mal. Até aí as cousas. Agora a ação da pessoa, os olhos teimosos de Rita, que procuravam muita vez os dele, que os consultavam antes de o fazer ao marido, as mãos frias, as atitudes insólitas.

Um dia, fazendo ele anos, recebeu de Vilela uma rica bengala de presente e de Rita apenas um cartão com um vulgar cumprimento a lápis, e foi então que ele pôde ler no próprio coração, não conseguia arrancar os olhos do bilhete. Palavras vulgares; mas há vulgaridades sublimes, ou, pelo menos, deleitosas. A velha caleça de praça, em que pela primeira vez passeaste com a mulher amada, fechadinhos ambos, vale o carro de Apolo.

Assim é o homem, assim são as cousas que o cercam. Camilo quis sinceramente fugir, mas já não pôde. Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca. Ele ficou atordoado e subjugado. Vexame, sustos, remorsos, desejos, tudo sentiu de mistura, mas a batalha foi curta e a vitória delirante. Adeus, escrúpulos! Não tardou que o sapato se acomodasse ao pé, e aí foram ambos, estrada fora, braços dados, pisando folgadoamente por cima de

ervas e pedregulhos, sem padecer nada mais que algumas saudades, quando estavam ausentes um do outro. A confiança e estima de Vilela continuavam a ser as mesmas.

Um dia, porém, recebeu Camilo uma carta anônima, que lhe chamava imoral e perverso, e dizia que a aventura era sabida de todos. Camilo teve medo, e, para desviar as suspeitas, começou a rarear as visitas à casa de Vilela. Este notou-lhe as ausências. Camilo respondeu que o motivo era uma paixão frívola de rapaz. Candura gerou astúcia. As ausências prolongaram-se, e as visitas cessaram inteiramente. Pode ser que entrasse também nisso um pouco de amor próprio, uma intenção de diminuir os obséquios do marido, para tornar menos dura a aleivosia do ato.

Foi por esse tempo que Rita, desconfiada e medrosa, correu à cartomante para consultá-la sobre a verdadeira causa do procedimento de Camilo. Vimos que a cartomante restituiu-lhe a confiança, e que o rapaz repreendeu-a por ter feito o que fez. Correram ainda algumas semanas. Camilo recebeu mais duas ou três cartas anônimas, tão apaixonadas, que não podiam ser advertência da virtude, mas despeito de algum pretendente; tal foi a opinião de Rita, que, por outras palavras mal compostas, formulou este pensamento:

- A virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo.

Nem por isso Camilo ficou mais sossegado; temia que o anônimo fosse ter com Vilela, e a catástrofe viria então sem remédio. Rita concordou que era possível.

- Bem, disse ela; eu levo os sobrescritos para comparar a letra com as das cartas que lá aparecerem; se alguma for igual, guarda e rasga...

Nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado. Rita deu-se pressa em dizê-lo ao outro, e sobre isso deliberaram. A opinião dela é que Camilo devia tornar à casa deles, tatear o marido, e pode ser até que lhe ouvisse a confidência de algum negócio particular. Camilo divergia; aparecer depois de tantos meses era confirmar a suspeita ou denúncia. Mais valia acautelarem-se, sacrificando-se por algumas semanas. Combinaram os meios de se corresponderem, em caso de necessidade, e separaram-se com lágrimas.

No dia seguinte, estando na repartição, recebeu Camilo este bilhete de Vilela: "Vem já, já à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Era mais de meio-dia. Camilo saiu logo; na rua, advertiu que teria sido mais natural chamá-lo ao escritório; por que em casa? Tudo indicava matéria especial, e a letra, fosse realidade ou ilusão, afigurou-se-lhe trêmula. Ele combinou todas essas cousas com a notícia da véspera.

- Vem já, já à nossa casa; preciso falar-te sem demora —, repetia ele com os olhos no papel.

Imaginariamente, viu a ponta da orelha de um drama, Rita subjugada e lacrimosa, Vilela indignado, pegando da pena e escrevendo o bilhete, certo de que ele acudiria, e esperando-o para matá-lo. Camilo estremeceu, tinha medo: depois sorriu amarelo, e em todo caso repugnava-lhe a ideia de recuar, e foi andando. De caminho, lembrou-se de ir a casa; podia achar algum recado de Rita, que lhe explicasse tudo.

Não achou nada, nem ninguém. Voltou à rua, e a ideia de estarem descobertos parecia-lhe cada vez mais verossímil; era natural uma denúncia anônima, até da própria pessoa que o ameaçara antes; podia ser que Vilela conhecesse agora tudo. A mesma suspensão das suas visitas, sem motivo aparente, apenas com um pretexto fútil, viria confirmar o resto.

Camilo ia andando inquieto e nervoso. Não relia o bilhete, mas as palavras estavam decoradas, diante dos olhos, fixas, ou então (o que era ainda pior) eram-lhe murmuradas ao ouvido, com a própria voz de Vilela.

"Vem já, já à nossa casa; preciso falar-te sem demora." Ditas assim, pela voz do outro, tinham um tom de mistério e ameaça. Vem, já, já para quê?

Era perto de uma hora da tarde. A comoção crescia de minuto a minuto. Tanto imaginou o que se iria passar, que chegou a crê-lo e vê-lo. Positivamente, tinha medo. Entrou a cogitar em ir armado, considerando que, se nada houvesse, nada perdia, e a precaução era útil. Logo depois rejeitava a ideia, vexado de si mesmo, e seguia, picando o passo, na direção do Largo da Carioca, para entrar num tálburi. Chegou, entrou e mandou seguir a trote largo.

"Quanto antes, melhor", pensou ele; "não posso estar assim..."

Mas o mesmo trote do cavalo veio agravar-lhe a comoção. O tempo voava, e ele não tardaria a entestar com o perigo. Quase no fim da Rua da Guarda Velha, o tálburi teve de parar, a rua estava atravancada com uma carroça, que caíra. Camilo, em si mesmo, estimou o obstáculo, e esperou. No fim de cinco minutos, reparou que ao lado, à esquerda, ao pé do tálburi, ficava a casa da cartomante, a quem Rita consultara uma vez, e nunca ele desejou tanto crer na lição das cartas. Olhou, viu as janelas fechadas, quando todas as outras estavam abertas e pejadas de curiosos do incidente da rua. Dir-se-ia a morada do indiferente Destino.

Camilo reclinou-se no tálburi, para não ver nada. A agitação dele era grande, extraordinária, e do fundo das camadas morais emergiam alguns fantasmas de outro tempo, as velhas crenças, as superstições antigas. O cocheiro propôs-lhe voltar à primeira travessa, e ir por outro caminho: ele respondeu que não, que esperasse. E inclinava-se para fitar a casa... Depois fez um gesto incrédulo: era a ideia de ouvir a cartomante, que lhe passava ao longe, muito longe, com vastas asas cinzentas; desapareceu, reapareceu, e tornou a esvaír-se no cérebro; mas daí a pouco moveu outra vez as asas, mais perto, fazendo uns giros concêntricos... Na rua, gritavam os homens, safando a carroça:

- Anda! agora! empurra! vá! vá!

Daí a pouco estaria removido o obstáculo. Camilo fechava os olhos, pensava em outras cousas: mas a voz do marido sussurrava-lhe a orelhas as palavras da carta: "Vem, já, já..." E ele via as contorções do drama e tremia.

A casa olhava para ele. As pernas queriam descer e entrar. Camilo achou-se diante de um longo véu opaco... pensou rapidamente no inexplicável de tantas cousas. A voz da mãe repetia-lhe uma porção de casos extraordinários: e a mesma frase do príncipe de Dinamarca reboava-lhe dentro: "Há mais cousas no céu e na terra do que sonha a filosofia..." Que perdia ele, se... ?

Deu por si na calçada, ao pé da porta: disse ao cocheiro que esperasse, e rápido enfiou pelo corredor, e subiu a escada. A luz era pouca, os degraus comidos dos pés, o corrimão pegajoso; mas ele não, viu nem sentiu nada.

Trepou e bateu. Não aparecendo ninguém, teve ideia de descer; mas era tarde, a curiosidade fustigava-lhe o sangue, as fontes latejavam-lhe; ele tornou a bater uma, duas, três pancadas. Veio uma mulher; era a cartomante.

Camilo disse que ia consultá-la, ela fê-lo entrar. Dali subiram ao sótão, por uma escada ainda pior que a primeira e mais escura. Em cima, havia uma salinha, mal alumiada por uma janela, que dava para o telhado dos fundos. Velhos trastes, paredes sombrias, um ar de pobreza, que antes aumentava do que destruía o prestígio.

A cartomante fê-lo sentar diante da mesa, e sentou-se do lado oposto, com as costas para a janela, de maneira que a pouca luz de fora batia em cheio no rosto de Camilo. Abriu uma gaveta e tirou um baralho de cartas compridas e enxovalhadas. Enquanto as baralhava, rapidamente, olhava para ele, não de rosto, mas por baixo dos olhos. Era uma mulher de quarenta anos, italiana, morena e magra, com grandes olhos sonsos e agudos. Voltou três cartas sobre a mesa, e disse-lhe:

- Vejamos primeiro o que é que o traz aqui. O senhor tem um grande susto...

Camilo, maravilhado, fez um gesto afirmativo.

- E quer saber - continuou ela - se lhe acontecerá alguma cousa ou não...

- A mim e a ela - explicou vivamente ele.

A cartomante não sorriu: disse-lhe só que esperasse. Rápido pegou outra vez das cartas e baralhou-as, com os longos dedos finos, de unhas descuidadas; baralhou-as bem, transpôs os maços uma, duas, três vezes; depois começou a estendê-las. Camilo tinha os olhos nela curioso e ansioso.

- As cartas dizem-me...

Camilo inclinou-se para beber uma a uma as palavras. Então ela declarou-lhe que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro; ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela: ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita... Camilo estava deslumbrado. A cartomante acabou, recolheu as cartas e fechou-as na gaveta.

- A senhora restituiu-me a paz ao espírito - disse ele, estendendo a mão por cima da mesa e apertando a da cartomante.

Esta levantou-se, rindo.

- Vá - disse ela -; vá, ragazzo innamorato...

E de pé, com o dedo indicador, tocou-lhe na testa. Camilo estremeceu, como se fosse a mão da própria sibila, e levantou-se também. A cartomante foi à cômoda, sobre a qual estava um prato com passas, tirou um cacho destas, começou a despencá-las e comê-las, mostrando duas fileiras de dentes que desmentiam as unhas. Nessa mesma ação comum, a mulher tinha um ar particular. Camilo, ansioso por sair, não sabia como pagasse; ignorava o preço.

- Passas custam dinheiro - disse ele afinal, tirando a carteira. - Quantas quer mandar buscar?

- Pergunte ao seu coração - respondeu ela.

Camilo tirou uma nota de dez mil-réis, e deu-lha. Os olhos da cartomante fuzilaram. O preço usual era dois mil-réis.

- Vejo bem que o senhor gosta muito dela... E faz bem; ela gosta muito do senhor. Vá, vá tranquilo. Olhe a escada, é escura; ponha o chapéu...

A cartomante tinha já guardado a nota na algibeira, e descia com ele, falando com um leve sotaque. Camilo despediu-se dela embaixo, e desceu a escada que levava à rua, enquanto a cartomante, alegre com a paga, tornava acima, cantarolando uma barcarola. Camilo achou o tálburi esperando; a rua estava livre. Entrou e seguiu a trote largo.

Tudo lhe parecia agora melhor, as outras cousas traziam outro aspecto, o céu estava límpido e as caras joviais. Chegou a rir dos seus receios, que chamou pueris; recordou os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça? Advertiu também que eram urgentes, e que fizera mal em demorar-se tanto; podia ser algum negócio grave e gravíssimo.

- Vamos, vamos depressa - repetia ele ao cocheiro.

E consigo, para explicar a demora ao amigo, engenhou qualquer cousa; parece que formou também o plano de aproveitar o incidente para tornar à antiga assiduidade... De volta com os planos, reboavam-lhe na alma as palavras da cartomante. Em verdade, ela adivinhara o objeto da consulta, o estado dele, a existência de um terceiro; por que não adivinharia o resto? O presente que se ignora vale o futuro. Era assim, lentas e contínuas, que as velhas crenças do rapaz iam tornando ao de cima, e o mistério empolgava-o com as unhas de ferro. Às vezes queria rir, e ria de si mesmo, algo vexado; mas a mulher, as cartas, as palavras secas e afirmativas, a exortação: - Vá, vá, ragazzo innamorato; e no

fim, ao longe, a barcarola da despedida, lenta e graciosa, tais eram os elementos recentes, que formavam, com os antigos, uma fé nova e vivaz.

A verdade é que o coração ia alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir. Ao passar pela Glória, Camilo olhou para o mar, estendeu os olhos para fora, até onde a água e o céu dão um abraço infinito, e teve assim uma sensação do futuro, longo, longo, interminável.

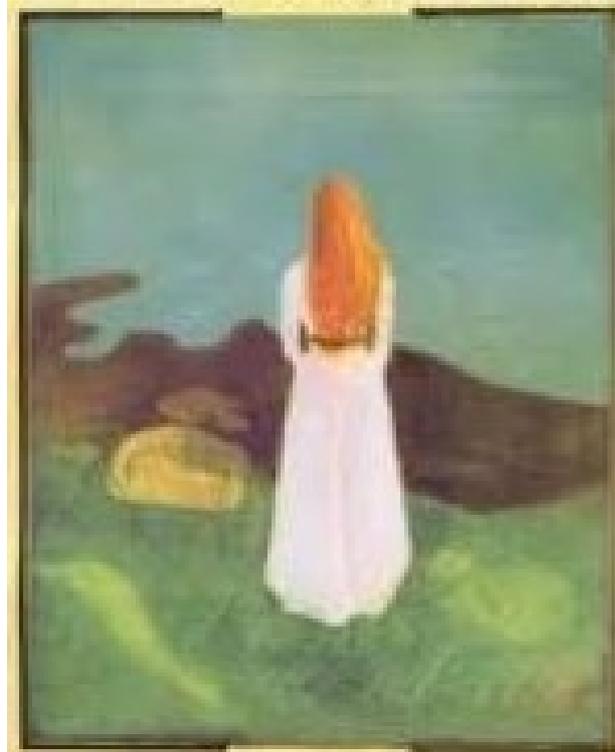
Daí a pouco chegou à casa de Vilela. Apeou-se, empurrou a porta de ferro do jardim e entrou. A casa estava silenciosa. Subiu os seis degraus de pedra, e mal teve tempo de bater, a porta abriu-se, e apareceu-lhe Vilela.

- Desculpa, não pude vir mais cedo; que há?

Vilela não lhe respondeu; tinha as feições decompostas; fez-lhe sinal, e foram para uma saleta interior. Entrando, Camilo não pôde sufocar um grito de terror: ao fundo sobre o canapé, estava Rita morta e ensanguentada.

Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão.

## ANEXO B – “Tchau” de Lygia Bojunga

**1. O buquê**

A campainha tocou. Rebeca correu pra abrir a porta. Até se admirou de ver um buquê tão bonito.

- Mãe! - ela gritou - chegou flor pra você. - Fechou a porta.

A Mãe veio correndo da cozinha e pegou o buquê. Tinha um envelope preso no papel; a Mãe tirou depressa um carrão lá de dentro, leu. O telefone tocou; a Mãe largou tudo e foi atender.

Rebeca quis ler o cartão. Mas estava escrito em língua estrangeira, era francês? Olhou pra assinatura: Nikos. Lembrou de unia voz estrangeira que andava telefonando, chamando a Mãe. Botou devagarinho o cartão em cima do envelope; foi chegando disfarçado pra perto do telefone, sem tirar o olho da Mãe. Franziu a testa: a Mãe estava parecendo nervosa, encabulada, mas muito mais bonita de repente!

Rebeca foi se esquecendo de prestar atenção na língua estrangeira que a Mãe estava falando pra só ficar assim: olhando: curtindo a Mãe.

A conversa no telefone acabou.

A Mãe voltou logo pra junto das flores.

- Coisa linda esse buquê, não é Rebeca?

- É.

- Com esse calor é melhor botar ele logo dentro d'Água. - Foi indo pra cozinha.- Você não quer me ajudar a arrumar o vaso?

Rebeca ficou parada.

A mãe olhou para ela; parou também: assim meio abraça com o buquê.

E durante um tempo as duas ficaram se olhando. Rebeca então foi indo distraída para a cozinha.

A Mãe (distraída também) pegou um vaso, encheu de água.

E as duas arrumaram as flores devagar, sem falar nada; sem levantar o olho do vaso.

## 2. Na beira do mar

As duas tinham saído pra fazer compras, a Mãe e a Rebeca. E na volta a Mãe falou:

- Quem sabe a gente vai andando pela praia?

Atravessaram a rua, tiraram o sapato, entraram na areia. E foram andando pela beira do mar.

Rebeca a toda hora olhava pra trás pra ver o caminho que o pé ia marcando na areia.

E a Mãe olhando pro mar e mais nada.

Era de tardinha. Não tinha quase ninguém na praia. E teve uma hora que a Mãe convidou:

- Vamos descansar um pouco?

Sentaram. Rebeca logo brincou de fazer castelo.

E a Mãe olhando pro mar. Olhando. Até que no fim ela disse:

- Rebeca, eu vou me separar do pai: não tá dando mais pra gente viver junto. Rebeca largou o castelo; olhou num susto pra Mãe.

- Neste último ano tudo ficou tão ruim entre o pai e eu. Eu sei que ele sempre teve paixão por música, eu já conheci ele assim. Mas desde que o Donatelo nasceu que ele só vive às voltas com aquele violino! é só tocar, estudar, compor, ensaiar; ele me deixou sozinha demais. - Pegou a mão da Rebeca.

- Mas a mão da Rebeca escapou.

- Sozinha, como? e eu? e o Donatelo? a gente tá sempre junto, não tá? nós três. E quando o pai não tá com a orquestra, ele também tá sempre em casa. Então? nós quatro. Sozinha por quê?

- E que... eu não sei como é que eu te explico direito, mas... ah, Rebeca, eu ando tão confusa! - Apertou a boca e ficou olhando pro mar.

Rebeca esperando. Esperando.

De repente a Mãe ficou de joelhos, agarrou as duas mãos da Rebeca e foi despejando a fala:

- Eu me apaixonei por um outro homem, Rebeca. Eu estou sentindo por ele uma coisa que nunca! nunca eu tinha sentido antes. Quando eu conheci o teu pai eu fui gostando cada dia mais um pouco dele, me acostumando, ficando amiga, querendo bem. A gente construiu na calma um amor gostoso e foi feliz uma porção de anos. E mesmo quando eu reclamava que ele gostava mais da música do que de mim, eu era feliz...

- O pai adora você! você não pode...

...e mesmo no tempo que o dinheiro era super apertado a gente era feliz...

- Ele gosta de você! ele gosta demais de você.

...mas este último ano a gente tá sempre discutindo, a gente briga a toda hora.

- Por quê?

- Não sei; quer dizer, eu sei; eu sei mais ou menos, essas coisas a gente nunca sabe direito, mas eu sei que eu fui me sentindo sozinha... vazia... vazia de amor. Amor assim... de um homem. E claro que isso não tem nada a ver com o amor que eu sinto por

você. E pelo Donatelo então nem se fala.

- Não se fala por quê? você gosta mais do Donatelo que de mim?

- Não, não, Rebeca! entende: é porque ele é tão pequeno ainda, e você já está ficando uma mocinha: então é um amor do mesmo tamanho mas um pouco diferente que eu sinto por vocês dois. Mas isso não tem nada a ver com... ah, Rebeca, como é que eu te explico? como é que eu te explico a paixão que eu senti por esse homem desde a primeira vez que a gente se viu.

- Ai! não aperta a minha mão assim.

- Se ele me diz vem te encontrar comigo, mesmo não querendo, eu vou; se ele fala que quer me abraçar, mesmo achando que eu não devo, eu deixo; tudo que eu faço de dia, cuidar de vocês, da casa, de tudo, eu faço feito dormindo: sempre sonhando com ele; e de noite eu fico acordada, só pensando, pensando nele.

- Ai, não...

- Ele diz eu gosto do teu cabelo é solto, eu digo é justo como eu não gosto, e é só ir dizendo isso pr'eu já ir soltando o cabelo; ele diz às 5 horas eu te telefono, eu digo NÃO! eu não atendo, e já bem antes das 5 eu to junto do telefone esperando; só de chegar perto dele eu fico toda suando, e cada vez que eu fico longe eu só quero é ir pra perto, Rebeca! Rebeca! eu tô sem controle de mim mesma, como é que isso foi me acontecer, Rebeca?! Ele me disse que vai voltar pra terra dele e me levar junto com ele, eu disse logo eu não vou! sabendo tão bem aqui dentro que não querendo, não podendo, não devendo, é só ele me levar que eu vou. - Botou de palma pra cima as duas mãos da Rebeca e enterrou a cara lá dentro.

Ficaram assim.

- Isso é que é paixão? - Rebeca acabou perguntando. A Mãe meio que sacudiu o ombro. Quietas de novo.

- Como é que... como é que ele se chama? esse cara.

- Nikos.

- Que nome esquisito.

- Ele é grego.

- Grego? e você entende o que ele fala? - A gente conversa em francês. Rebeca ficou olhando pro castelo desmanchado. Depois de um tempo suspirou:

- E ainda mais essa! com tanto homem no Brasil.

### **3. No sofá da sala**

A Mãe bateu a porta do quarto e correu pra sala.

Já era tarde da noite, mas Rebeca estava acordada. Ouviu a Mãe soluçando. Levantou; olhou pro Donatelo na cama ao lado: dormindo. Correu pra sala. A Mãe estava jogada no sofá.

- Que foi?!

A Mãe tapou o choro com a almofada; o corpo ficou sacudindo.

- Mãe, que foi, que foi!

Estava escuro na sala. Mas o Pai abriu a porta do quarto e veio luz lá de dentro. Rebeca escorregou pro chão e ficou meio escondida atrás do sofá. O Pai chegou perto e falou com uma voz de raiva, de mágoa, uma voz que a Rebeca nunca tinha ouvido ele falar:

- Você tá chorando por quê? Quem tem que chorar sou eu e não você. Não sou eu que tô abandonando a minha família, é você; não sou eu que tô deixando os meus filhos pra lá: e você!

A Mãe tirou a almofada da cara; a voz saiu metade soluço, metade fala:

- Você não tá querendo entender: eu não tô deixando a Rebeca e o Donatelo: um dia eu volto pra buscar os dois.

- Você vai embora com esse estrangeiro pra viver lá do outro lado do mundo...

- Eu juro que eu volto!

-...mas o estrangeiro não quer as crianças, só quer você.

- Eu sei que eu acabo convencendo ele...

- E se um dia você convence ele, aí você vem buscar a Rebeca e o Donatelo, não é? Lindo!

- O que que eu posso fazer? ele não quer que eu leve as crianças agora.

- ELE NÃO QUER!! Então ele agora manda em você. Ele é um deus que desceu do Olimpo pra dizer o que ele quer e o que ele não quer que você faça.

Rebeca franziu a testa, ele é um deus que desceu de onde? E aí o Pai gritou:

- Pois eu também não quero, viu? eu não quero o que você quer. E você vai ter que escolher: ou fica ou leva as crianças com você agora.

- Mas eu não...

- Se você não leva elas agora, eu não deixo você levar nunca mais. Abandono do lar, da família, de tudo: a lei vai estar do meu lado. Então você escolhe: ou ele ou as crianças.

#### **4. Na mesa do botequim**

Rebeca saltou do ônibus, comprou um sorvete de chocolate e veio lambendo ele pela rua. Parou em frente do botequim da esquina: ué: não era o Pai sentado bem lá no fundo?

Espiou: era, sim: entrou.

- Oi, pai.

O Pai levantou a cara do copo e olhou pra Rebeca feito custando pra lembrar quem é que ela era.

- Oôôôôôôôô filhinha, o que que você tá fazendo por aqui?

- Eu, nada, e você?

- Eu, nada.

O sorvete pingou na calça do Pai.

O Pai ficou olhando triste pro pingo; depois falou:

- Senta. - Mas logo se arrependeu: - Quer dizer, não senta porque isso aqui não é lugar pra criança.

Mas Rebeca já tinha sentado, e o moço do botequim já tinha trazido um outro copo cheio pro Pai beber. O Pai bebeu enquanto Rebeca acabava o sorvete, comia a casquinha, dava uma lambida em cada dedo, enxugava eles na saia e suspirava de pena do sorvete ter acabado. O Pai suspirou também:

- A tua mãe não gosta mais de mim.

Rebeca olhou pra mesa: cheia de copo vazio. Será que era o Pai que tinha bebido aquilo tudo?

- E eu gosto tanto dela! Agora então que ela vai me deixar parece até que eu gosto mais.

Rebeca olhou pro Pai; achou que o olho dele estava parecendo de vidro.

- Duvido que esse gringo goste dela do jeito que eu gosto. Nem metade, aposto. Nem metade da metade da me... - Foi se esquecendo da outra metade; ficou olhando pra Rebeca.

- Que que você tá me olhando assim, pai? parece até que você nunca me viu.

- Como você é parecida com ela! Tudo. A boca, o cabelo, o jeito de olhar. E agora que eu to percebendo: o teu nariz também é igualzinho ao dela, até um pouco de sarda na ponta ele tem; engraçado, eu ainda não tinha reparado. - Debruçou mais na mesa pra olhar pro nariz da Rebeca, derrubou um copo no caminho; desanimou.

Rebeca debruçou também:

- Eu vou pedir pra mãe não ir. Eu vou pedir tão forte, que ela não vai, você vai ver.

O Pai fechou o olho:

- Eu queria que o tempo já tivesse passado e que eu já tivesse me esquecido dela.

- Eu vou pedir pra ela não ir embora; deixa comigo, pai.

- Eu queria que você e o Donatelo já fossem grandes. O que que eu vou fazer com vocês dois? me diz, me diz! Eu não tenho jeito com criança.

- Eu vou pedir.

- O que que eu faço com vocês dois, Rebeca?

- Deixa comigo, pai, eu te prometo que eu não deixo a mãe dizer tchau pra gente.

- Promete?

- Prometo. E agora para de beber, tá? - Tá.

## **5. A mala**

Rebeca fingiu que nem tinha visto a mala da Mãe aberta em cima da cama e já quase pronta pra fechar.

Voltou pro quarto. Sentou.

Fingiu que estava desenhando um barco.

Fingiu que nem estava escutando a Mãe querendo se despedir do Pai, e o Pai não deixando a Mãe acabar de falar, saindo zangado, batendo com a porta.

Foi riscando no papel com força, o lápis pra cá e pra lá cada vez com mais força, tlá! a ponta quebrou.

Ouviu a Mãe indo na sala; depois no banheiro.

Correu na ponta do pé pra espiar, ah! a mala. Já fechada. No chão. Junto da porta. Pronta pra sair.

Voltou correndo pro quarto; sentou de novo; pegou o lápis, fez ponta depressa, o coração num toque-toque medonho; desatou de novo a riscar.

Parou o lápis; escutou a Mãe discando telefone, chamando um táxi, explicando que era pro aeroporto.

De rabo de olho viu a Mãe entrar no quarto, sentar na cama do Donatelo, ficar

olhando ele dormir.

Viu que a Mãe estava de meia, de sapato fechado, de capa de chuva, de bolsa a tiracolo, de cara lavada (de choro?), tão diferente de todo dia.

Viu a Mãe alisando o cabelo do Donatelo; fazendo festa nele de leve; a mão indo e vindo, bem de leve; indo e vindo. Viu tudo de rabo de olho e foi riscando forte, mais forte, mais tlá! a ponta do lápis quebrou outra vez.

A Mãe parou de fazer festa na cabeça do Donatelo e ficou sem se mexer.

Rebeca ficou que nem a Mãe: sem se virar, sem falar, sem perguntar.

O tempo foi passando. Passando.

Até que de repente a buzina do táxi tocou lá fora e a Mãe levantou num pulo de susto.

Rebeca também. E se virou. Ao mesmo tempo que a Mãe se virava. E as duas se olharam com medo, e a Mãe correu e abraçou Rebeca com força, demorado, bem apertado, ai! Rebeca fechou o olho: que troço danado pra doer aquele abraço.

A Mãe largou a Rebeca, correu pra sala, abriu a porta. Mas Rebeca já estava atrás dela; e puxou a mala:

- Mãe; não vai! eu já te pedi tanto, que eu não ia pedir mais, mas você tá indo mesmo e eu tenho que pedir de novo, não vai não vai não vai!!

A Mãe cochichou depressa:

- Por favor, Rebeca, me entende, me perdoa, me entende, eu tenho que ir, é mais forte que tudo. Mas eu já te prometi: eu volto.

- Diz pra ele que não! você não vai.

A Mãe pegou a mala. Rebeca não largou.

A Mãe puxou a mala. Rebeca puxou também.

A Mãe puxou mais forte. Rebeca ficou agarrada na mala.

O táxi buzinou de novo. As duas se olharam. O olho da Mãe pedindo por favor. O olho da Rebeca também: por favor.

A Mãe estava de boca apertada; de testa enrugada. E não quis mais olhar pra Rebeca no olho; e puxou a mala com toda a força, querendo arrancar ela da mão da Rebeca.

Mas Rebeca não se soltou da mala e foi sendo arrastada no puxão.

A buzina do táxi de novo, e mais comprido dessa vez.

A Mãe soltou a mala; fechou o olho; apertou a testa com a mão feito coisa que estava sentindo uma tonteira ou uma dor de cabeça muito forte.

Rebeca aproveitou pra se agarrar na mala de um jeito que pra Mãe levantar a mala ia ter que levantar a Rebeca também.

E outra vez a buzina tocou.

A Mãe abriu o olho (parecia que a tonteira tinha passado), disse:

- Tchau. - E saiu correndo.

## **6. O pai volta tarde e encontra um bilhete no travesseiro**

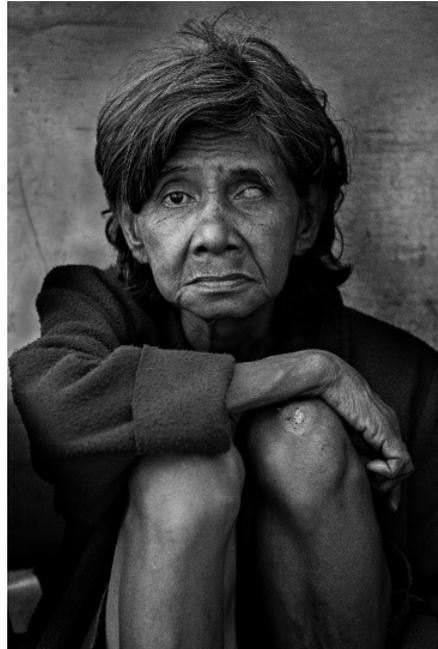
Querido pai

Não deu para eu cumprir a promessa. A Mãe foi mesmo embora.

Mas a mala dela ficou. E eu acho que assim, sem mala, sem roupa para trocar, sem escova de dente nem nada, não vai dar para a Mãe ficar muito tempo sem voltar. Não sei. Vamos ver. Eu arrastei a mala e escondi ela debaixo da sua cama, viu?

Um beijo da Rebeca.

## ANEXO C – “A caolha” de Júlia Lopes de Almeida



A caolha era uma mulher magra, alta, macilenta, peito fundo, busto arqueado, braços compridos, delgados, largos nos cotovelos, grossos nos pulsos; mãos grandes, ossudas, estragadas pelo reumatismo e pelo trabalho; unhas grossas, chatas e cinzentas, cabelo crespo, de uma cor indecisa entre o branco sujo e o louro grisalho, desse cabelo cujo contato parece dever ser áspero e espinhento; boca descaída, numa expressão de desprezo, pescoço longo, engelhado, como o pescoço dos urubus; dentes falhos e cariados.

O seu aspecto infundia terror às crianças e repulsão aos adultos; não tanto pela sua altura e extraordinária magreza, mas porque a desgraçada tinha um defeito horrível: haviam lhe extraído o olho esquerdo; a pálpebra descera mirrada, deixando, contudo, junto ao lacrimal, uma fistula continuamente porejante.

Era essa pinta amarela sobre o fundo denegrado da olheira, era essa destilação incessante de pus que a tornava repulsiva aos olhos de toda gente.

Morava numa casa pequena, paga pelo filho único, operário numa fábrica de alfaiate; ela lavava a roupa para os hospitais e dava conta de todo o serviço da casa inclusive cozinha. O filho, enquanto era pequeno, comia os pobres jantares feitos por ela, às vezes até no mesmo prato; à proporção que ia crescendo, ia-se a pouco e pouco manifestando na fisionomia a repugnância por essa comida; até que um dia, tendo já um ordenadozinho, declarou à mãe que, por conveniência do negócio, passava a comer fora...

Ela fingiu não perceber a verdade, e resignou-se.

Daquele filho vinha-lhe todo o bem e todo o mal.

Que lhe importava o desprezo dos outros, se o seu filho adorado lhe pagasse com um beijo todas as amarguras da existência?

Um beijo dele era melhor que um dia de sol, era a suprema carícia para o triste coração de mãe! Mas... os beijos foram escasseando também, com o crescimento do Antonico! Em criança ele apertava-a nos braços e enchia-lhe a cara de beijos; depois, passou a beijá-la só na face direita, aquela onde não havia vestígios de doença; agora, limitava-se a beijar-lhe a mão!

Ela compreendia tudo e calava-se.

O filho não sofria menos.

Quando em criança entrou para a escola pública da freguesia, começaram logo os colegas, que o viam ir e vir com a mãe, a chamá-lo – o filho da caolha.

Aquilo exasperava-o; respondia sempre:

– Eu tenho nome!

Os outros riam e chacoteavam-no; ele se queixava aos mestres, os mestres ralhavam com os discípulos, chegavam mesmo a castigá-los – mas a alcunha pegou. Já não era só na escola que o chamavam assim.

Na rua, muitas vezes, ele ouvia de uma ou outra janela dizerem: o filho da caolha! Lá vai o filho da caolha! Lá vem o filho da caolha!

Eram as irmãs dos colegas, meninas novas, inocentes e que, industriadas pelos irmãos, feriam o coração do pobre Antonico cada vez que o viam passar!

As quitadeiras, onde iam comprar as goiabas ou as bananas para o lanche, aprenderam depressa a denominá-lo como os outros, e, muitas vezes, afastando os pequenos que se aglomeravam ao redor delas, diziam, estendendo uma mancheia de arças, com piedade e simpatia:

– Taí, isso é para o filho da caolha!

O Antonico preferia não receber o presente a ouvi-lo acompanhar de tais palavras; tanto mais que os outros, com inveja, rompiam a gritar, cantando em coro, num estribilho já combinado:

– Filho da caolha, filho da caolha!

O Antonico pediu à mãe que não o fosse buscar à escola; e muito vermelho, contou-lhe a causa; sempre que o viam aparecer à porta do colégio os companheiros murmuravam injúrias, piscavam os olhos para o Antonico e faziam caretas de náuseas.

A caolha suspirou e nunca mais foi buscar o filho.

Aos onze anos o Antonico pediu para sair da escola: levava a brigar com os condiscípulos, que o intrigavam e malqueriam. Pediu para entrar para uma oficina de marceneiro. Mas na oficina de marceneiro aprenderam depressa a chamá-lo – o filho da caolha, a humilhá-lo, como no colégio.

Além de tudo, o serviço era pesado e ele começou a ter vertigens e desmaios. Arranjou então um lugar de caixeiro de venda: os seus colegas agruparam-se à porta, insultando-o, e o vendeiro achou prudente mandar o caixeiro embora, tanto que a rapaziada ia-lhe dando cabo do feijão e do arroz expostos à porta nos sacos abertos! Era uma contínua saraivada de cereais sobre o pobre Antonico!

Depois disso passou um tempo em casa, ocioso, magro, amarelo, deitado pelos cantos, dormindo às moscas, sempre zangado e sempre bocejante! Evitava sair de dia e nunca, mas nunca, acompanhava a mãe; esta poupava-o: tinha medo que o rapaz, num dos desmaios, lhe morresse nos braços, e por isso nem sequer o repreendia! Aos dezesseis anos, vendo-o mais forte, pediu e obteve-lhe, a caolha, um lugar numa oficina de alfaiate. A infeliz mulher contou ao mestre toda a história do filho e suplicou-lhe que não deixasse os aprendizes humilhá-lo; que os fizesse terem caridade!

Antonico encontrou na oficina uma certa reserva e silêncio da parte dos companheiros; quando o mestre dizia: sr. Antonico, ele percebia um sorriso mal oculto nos lábios dos oficiais; mas a pouco e pouco essa suspeita, ou esse sorriso, se foi desvanecendo, até que principiou a sentir-se bem ali.

Decorreram alguns anos e chegou a vez de Antonico se apaixonar. Até aí, numa ou outra pretensão de namoro que ele tivera, encontrara sempre uma resistência que o desanimava, e que o fazia retroceder sem grandes mágoas. Agora, porém, a coisa era diversa: ele amava! Amava como um louco a linda moreninha da esquina fronteira, uma

rapariguinha adorável, de olhos negros como veludos e boca fresca como um botão de rosa. O Antonico voltou a ser assíduo em casa e expandia-se mais carinhosamente com a mãe; um dia, em que viu os olhos da morena fixarem os seus, entrou como um louco no quarto da caolha e beijou-a mesmo na face esquerda, num transbordamento de esquecida ternura!

Aquele beijo foi para a infeliz uma inundação de júbilo! Tornara a encontrar o seu querido filho! Pôs-se a cantar toda a tarde, e nessa noite, ao adormecer, dizia consigo:

– Sou muito feliz... o meu filho é um anjo!

Entretanto, o Antonico escrevia, num papel fino, a sua declaração de amor à vizinha. No dia seguinte mandou-lhe cedo a carta. A resposta fez-se esperar. Durante muitos dias Antonico perdia-se em amarguradas conjecturas.

Ao princípio pensava: – É o pudor.

Depois começou a desconfiar de outra causa; por fim recebeu uma carta em que a bela moreninha confessava consentir em ser sua mulher, se ele se separasse completamente da mãe! Vinham explicações confusas, mal alinhavadas: lembrava a mudança de bairro; ele ali era muito conhecido por filho da caolha, e bem compreendia que ela não se poderia sujeitar a ser alcunhada em breve de – nora da caolha, ou coisa semelhante!

O Antonico chorou! Não podia crer que a sua casta e gentil moreninha tivesse pensamentos tão práticos!

Depois o seu rancor se voltou para a mãe.

Ela era a causadora de toda a sua desgraça! Aquela mulher perturbara a sua infância, quebrara-lhe todas as carreiras, e agora o seu mais brilhante sonho de futuro sumia-se diante dela! Lamentava-se por ter nascido de mulher tão feia, e resolveu procurar meio de separar-se dela; iria considerar-se humilhado continuando sob o mesmo teto; havia de protegê-la de longe, vindo de vez em quando vê-la à noite, furtivamente...

Salvava assim a responsabilidade do protetor e, ao mesmo tempo, consagraria à sua amada a felicidade que lhe devia em troca do seu consentimento e amor...

Passou um dia terrível; à noite, voltando para casa levava o seu projeto e a decisão de o expor à mãe.

A velha, agachada à porta do quintal, lavava umas panelas com um trapo engordurado. O Antonico pensou: “Ao dizer a verdade eu havia de sujeitar minha mulher a viver em companhia de... uma tal criatura?” Estas últimas palavras foram arrastadas pelo seu espírito com verdadeira dor. A caolha levantou para ele o rosto, e o Antonico, vendo-lhe o pus na face, disse:

– Limpe a cara, mãe...

Ela sumiu a cabeça no avental; ele continuou:

– Afinal, nunca me explicou bem a que é devido esse defeito!

– Foi uma doença, – respondeu sufocadamente a mãe – é melhor não lembrar isso!

– E é sempre a sua resposta: é melhor não lembrar isso! Por quê?

– Porque não vale a pena; nada se remedeia...

– Bem! Agora escute: trago-lhe uma novidade. O patrão exige que eu vá dormir na vizinhança da loja... já aluguei um quarto; a senhora fica aqui e eu verei todos os dias saber da sua saúde ou se tem necessidade de alguma coisa... É por força maior; não temos remédio senão sujeitar-nos!...

Ele, magrinho, curvado pelo hábito de costurar sobre os joelhos, delgado e amarelo como todos os rapazes criados à sombra das oficinas, onde o trabalho começa cedo e o serão acaba tarde, tinha lançado naquelas palavras toda a sua energia, e espreitava agora a mãe com um olhar desconfiado e medroso.

A caolha se levantou e, fixando o filho com uma expressão terrível, respondeu com doloroso desdém:

– Embusteiro! O que você tem é vergonha de ser meu filho! Saia! Que eu também já sinto vergonha de ser mãe de semelhante ingrato!

O rapaz saiu cabisbaixo, humilde, surpreso da atitude que assumira a mãe, até então sempre paciente e cordata; ia com medo, maquinalmente, obedecendo à ordem que tão feroz e imperativamente lhe dera a caolha.

Ela o acompanhou, fechou com estrondo a porta, e vendo-se só, encostou-se cabaleante à parede do corredor e desabafou em soluços. O Antonico passou uma tarde e uma noite de angústia.

Na manhã seguinte o seu primeiro desejo foi voltar à casa; mas não teve coragem; via o rosto colérico da mãe, faces contraídas, lábios adelgaçados pelo ódio, narinas dilatadas, o olho direito saliente, a penetrar-lhe até o fundo do coração, o olho esquerdo arrepanhado, murcho – murcho e sujo de pus; via a sua atitude altiva, o seu dedo ossudo, de falanges salientes, apontando-lhe com energia a porta da rua; sentia-lhe ainda o som cavernoso da voz, e o grande fôlego que ela tomara para dizer as verdadeiras e amargas palavras que lhe atirara no rosto; via toda a cena da véspera e não se animava a arrostar com o perigo de outra semelhante.

Providencialmente, lembrou-se da madrinha, única amiga da caolha, mas que, entretanto, raramente a procurava.

Foi pedir-lhe que interviesse, e contou-lhe sinceramente tudo o que houvera.

A madrinha escutou-o comovida; depois disse:

– Eu previa isso mesmo, quando aconselhava tua mãe a que te dissesse a verdade inteira; ela não quis, aí está!

– Que verdade, madrinha?

Encontraram a caolha a tirar umas nódoas do fraque do filho – queria mandar-lhe a roupa limpinha. A infeliz se arrependera das palavras que dissera e tinha passado a noite à janela, esperando que o Antonico voltasse ou passasse apenas... Via o porvir negro e vazio e já se queixava de si! Quando a amiga e o filho entraram, ela ficou imóvel: a surpresa e a alegria amarraram-lhe toda a ação.

A madrinha do Antonico começou logo:

– O teu rapaz foi suplicar-me que te viesse pedir perdão pelo que houve aqui ontem e eu aproveito a ocasião para, à tua vista, contar-lhe o que já deverias ter-lhe dito!

– Cala-te! – murmurou com voz apagada a caolha.

– Não me calo! Essa pieguice é que te tem prejudicado! Olha, rapaz! Quem cegou a tua mãe foste tu!

O afilhado tornou-se lívido; e ela concluiu:

– Ah, não tiveste culpa! Eras muito pequeno quando, um dia, ao almoço, levantaste na mãozinha um garfo; ela estava distraída, e antes que eu pudesse evitar a catástrofe, tu o enterraste pelo olho esquerdo! Ainda tenho no ouvido o grito de dor que ela deu!

O Antonico caiu pesadamente de bruços, com um desmaio; a mãe acercou-se rapidamente dele, murmurando trêmula:

– Pobre filho! Vês? Era por isto que eu não queria dizer nada!

**Fonte:** [www.contos-web.com.br](http://www.contos-web.com.br)

## ANEXO D – “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa



Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa.

Era a sério. Encomendou a canoa especial, de pau de vinhático, pequena, mal com a tabuinha da popa, como para caber justo o remador. Mas teve de ser toda fabricada, escolhida forte e arqueada em rijo, própria para dever durar na água por uns vinte ou trinta anos. Nossa mãe jurou muito contra a idéia. Seria que, ele, que nessas artes não vadiava, se ia propor agora para pescarias e caçadas? Nosso pai nada não dizia. Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta.

Sem alegria nem cuidado, nosso pai enalçou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beijo e bramou: — “Cê vai, ocê fique, você nunca volte!” Nosso pai suspendeu a resposta. Espiou manso para mim, me acenando de vir também, por uns passos. Temi a ira de nossa mãe, mas obedeci, de vez de jeito. O rumo daquilo me animava, chega que um propósito perguntei: — “Pai, o senhor me leva junto, nessa sua canoa?” Ele só retornou o olhar em mim, e me botou a bênção, com gesto me mandando para trás. Fiz que vim, mas ainda virei, na grota do mato, para saber. Nosso pai entrou na canoa e desamarrou, pelo remar. E a canoa saiu se indo — a sombra dela por igual, feito um jacaré, comprida longa.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para. estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. Os parentes, vizinhos e conhecidos nossos, se reuniram, tomaram juntamente conselho.

Nossa mãe, vergonhosa, se portou com muita cordura; por isso, todos pensaram de nosso pai a razão em que não queriam falar: doideira. Só uns achavam o entanto de poder também ser pagamento de promessa; ou que, nosso pai, quem sabe, por escrúpulo de estar com alguma feia doença, que seja, a lepra, se desertava para outra sina de existir,

perto e longe de sua família dele. As vozes das notícias se dando pelas certas pessoas — passadores, moradores das beiras, até do afastado da outra banda — descrevendo que nosso pai nunca se surgia a tomar terra, em ponto nem canto, de dia nem de noite, da forma como cursava no rio, solto solitariamente. Então, pois, nossa mãe e os aparentados nossos, assentaram: que o mantimento que tivesse, ocultado na canoa, se gastava; e, ele, ou desembarcava e viajava s'embora, para jamais, o que ao menos se condizia mais correto, ou se arrependia, por uma vez, para casa.

No que num engano. Eu mesmo cumpria de trazer para ele, cada dia, um tanto de comida furtada: a idéia que senti, logo na primeira noite, quando o pessoal nosso experimentou de acender fogueiras em beirada do rio, enquanto que, no alumiado delas, se rezava e se chamava. Depois, no seguinte, apareci, com rapadura, broa de pão, cacho de bananas. Enxerguei nosso pai, no enfim de uma hora, tão custosa para sobrevir: só assim, ele no ao-longe, sentado no fundo da canoa, suspendida no liso do rio. Me viu, não remou para cá, não fez sinal. Mostrei o de comer, depusitei num oco de pedra do barranco, a salvo de bicho mexer e a seco de chuva e orvalho. Isso, que fiz, e refiz, sempre, tempos a fora. Surpresa que mais tarde tive: que nossa mãe sabia desse meu encargo, só se encobrando de não saber; ela mesma deixava, facilitado, sobra de coisas, para o meu conseguir. Nossa mãe muito não se demonstrava.

Mandou vir o tio nosso, irmão dela, para auxiliar na fazenda e nos negócios. Mandou vir o mestre, para nós, os meninos. Incumbiu ao padre que um dia se revestisse, em praia de margem, para esconjurar e clamar a nosso pai o 'dever de desistir da tristonha teima. De outra, por arranjo dela, para medo, vieram os dois soldados. Tudo o que não valeu de nada. Nosso pai passava ao largo, avistado ou diluso, cruzando na canoa, sem deixar ninguém se chegar à pega ou à fala. Mesmo quando foi, não faz muito, dos homens do jornal, que trouxeram a lancha e tencionavam tirar retrato dele, não venceram: nosso pai se desaparecia para a outra banda, aproava a canoa no brejão, de léguas, que há, por entre juncos e mato, e só ele conhecesse, a palmos, a escuridão, daquele.

A gente teve de se acostumar com aquilo. Às penas, que, com aquilo, a gente mesmo nunca se acostumou, em si, na verdade. Tiro por mim, que, no que queria, e no que não queria, só com nosso pai me achava: assunto que jogava para trás meus pensamentos. O severo que era, de não se entender, de maneira nenhuma, como ele agüentava. De dia e de noite, com sol ou aguaceiros, calor, sereno, e nas friagens terríveis de meio-do-ano, sem arrumo, só com o chapéu velho na cabeça, por todas as semanas, e meses, e os anos — sem fazer conta do se-ir do viver. Não pojava em nenhuma das duas beiras, nem nas ilhas e croas do rio, não pisou mais em chão nem capim. Por certo, ao menos, que, para dormir seu tanto, ele fizesse amarração da canoa, em alguma ponta-de-ilha, no esconso. Mas não armava um foguinho em praia, nem dispunha de sua luz feita, nunca mais riscou um fósforo. O que consumia de comer, era só um quase; mesmo do que a gente depositava, no entre as raízes da gameleira, ou na lapinha de pedra do barranco, ele recolhia pouco, nem o bastável. Não adoecia? E a constante força dos braços, para ter tento na canoa, resistido, mesmo na demasia das enchentes, no subimento, aí quando no lanço da correnteza enorme do rio tudo rola o perigoso, aqueles corpos de bichos mortos e paus-de-árvore descendo — de espanto de esbarro. E nunca falou mais palavra, com pessoa alguma. Nós, também, não falávamos mais nele. Só se pensava. Não, de nosso pai não se podia ter esquecimento; e, se, por um pouco, a gente fazia que esquecia, era só para se despertar de novo, de repente, com a memória, no passo de outros sobressaltos.

Minha irmã se casou; nossa mãe não quis festa. A gente imaginava nele, quando se comia uma comida mais gostosa; assim como, no gasalhado da noite, no desamparo dessas noites de muita chuva, fria, forte, nosso pai só com a mão e uma cabaça para ir

esvaziando a canoa da água do temporal. Às vezes, algum conhecido nosso achava que eu ia ficando mais parecido com nosso pai. Mas eu sabia que ele agora virara cabeludo, barbudo, de unhas grandes, mal e magro, ficado preto de sol e dos pêlos, com o aspecto de bicho, conforme quase nu, mesmo dispondo das peças de roupas que a gente de tempos em tempos fornecia.

Nem queria saber de nós; não tinha afeto? Mas, por afeto mesmo, de respeito, sempre que às vezes me louvavam, por causa de algum meu bom procedimento, eu falava: — “Foi pai que um dia me ensinou a fazer assim...”; o que não era o certo, exato; mas, que era mentira por verdade. Sendo que, se ele não se lembrava mais, nem queria saber da gente, por que, então, não subia ou descia o rio, para outras paragens, longe, no não-encontrável? Só ele soubesse. Mas minha irmã teve menino, ela mesma entestou que queria mostrar para ele o neto. Viemos, todos, no barranco, foi num dia bonito, minha irmã de vestido branco, que tinha sido o do casamento, ela erguia nos braços a criancinha, o marido dela segurou, para defender os dois, o guarda-sol. A gente chamou, esperou. Nosso pai não apareceu. Minha irmã chorou, nós todos aí choramos, abraçados.

Minha irmã se mudou, com o marido, para longe daqui. Meu irmão resolveu e se foi, para uma cidade. Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos. Nossa mãe terminou indo também, de uma vez, residir com minha irmã, ela estava envelhecida. Eu fiquei aqui, de resto. Eu nunca podia querer me casar. Eu permaneci, com as bagagens da vida. Nosso pai carecia de mim, eu sei — na vagação, no rio no ermo — sem dar razão de seu feito. Seja que, quando eu quis mesmo saber, e firme indaguei, me diz-que-disseram: que constava que nosso pai, alguma vez, tivesse revelado a explicação, ao homem que para ele aprontara a canoa. Mas, agora, esse homem já tinha morrido, ninguém soubesse, fizesse recordação, de nada mais. Só as falsas conversas, sem senso, como por ocasião, no começo, na vinda das primeiras cheias do rio, com chuvas que não estivam, todos temeram o fim-do-mundo, diziam: que nosso pai fosse o avisado que nem Noé, que, por tanto, a canoa ele tinha antecipado; pois agora me entrelembro. Meu pai, eu não podia malsinar. E apontavam já em mim uns primeiros cabelos brancos.

Sou homem de tristes palavras. De que era que eu tinha tanta, tanta culpa? Se o meu pai, sempre fazendo ausência: e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo. Eu sofria já o começo de velhice — esta vida era só o demoramento. Eu mesmo tinha achaques, ânsias, cá de baixo, cansaços, perrengue de reumatismo. E ele? Por quê? Devia de padecer demais. De tão idoso, não ia, mais dia menos dia, fraquejar do vigor, deixar que a canoa emborcasse, ou que bubuiasse sem pulso, na levada do rio, para se despenhar horas abaixo, em tororoma e no tombo da cachoeira, brava, com o fervimento e morte. Apertava o coração. Ele estava lá, sem a minha tranquilidade. Sou o culpado do que nem sei, de dor em aberto, no meu foro. Soubesse — se as coisas fossem outras. E fui tomando ideia.

Sem fazer véspera. Sou doido? Não. Na nossa casa, a palavra doido não se falava, nunca mais se falou, os anos todos, não se condenava ninguém de doido. Ninguém é doido. Ou, então, todos. Só fiz, que fui lá. Com um lenço, para o aceno ser mais. Eu estava muito no meu sentido. Esperei. Ao por fim, ele apareceu, aí e lá, o vulto. Estava ali, sentado à popa. Estava ali, de grito. Chamei, umas quantas vezes. E falei, o que me urgia, jurado e declarado, tive que reforçar a voz: — “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem, não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!...” E, assim dizendo, meu coração bateu no compasso do mais certo.

Ele me escutou. Ficou em pé. Manejou remo n’água, proava para cá, concordado. E eu tremi, profundo, de repente: porque, antes, ele tinha levantado o braço e feito um saudar de gesto — o primeiro, depois de tamanhos anos decorridos! E eu não podia...

Por pavor, arrepiados os cabelos, corri, fugi, me tirei de lá, num procedimento desatinado. Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além. E estou pedindo, pedindo, pedindo um perdão.

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não para, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.

## ANEXO E – “Clínica de Repouso” de Dalton Trevisan



Dona Candinha deparou na sala o moço no sofá de veludo e a filha servindo cálice de vinho doce com broinha de fubá mimoso.

*Mãezinha, este é o João.*

*Mais que* depressa o tipo de bigodinho foi beijar a mão da velha, que se esquivou à gentileza. O mocinho servia o terceiro cálice, Maria chamou a mãe para a cozinha, pediu-lhe que aceitasse por alguns dias.

Como pensionista?

Não, como hóspede da família. Irmão de uma amiga de infância, sem conhecer ninguém de Curitiba, não podia pagar pensão até conseguir emprego.

Dias mais tarde a velha descobriu que, primeiro, o distinto já estava empregado (colega de repartição de Maria) e, segundo, ainda que dez anos mais moço, era namorado da filha. A situação desmoralizava a velha e comprometia a menina. Dona Candinha discutiu com a filha e depois com o noivo, que achava a seu gosto a combinação.

Sou moço simples, minha senhora. Uma coxinha de frango é o que me basta. Ovo frito na manteiga.

Dona Candinha os surpreendia aos beijos no sofá. A filha saía com o rapaz, voltavam depois da meia-noite. Às três da manhã a velha acordava com passos furtivos no corredor.

Você põe esse moço na rua. Ou tomo uma providência.

A senhora está louca.

Maria era maior, podia entrar a hora que bem quisesse, a velha estava caduca. Assim que a filha saiu, dona Candinha bateu na porta do hóspede, ainda de pijama azul de seda com bolinha branca:

- Moço, você ganha a vida. Tem como se manter. Trate de ir embora.

De volta das compras (delicadezas para o príncipe de bigodinho), a filha insultou dona Candinha aos gritos de velha doida, maníaca, avarenta.

Não vai me dar nem um tostão para esse pilantra. Ai, minha filha, como me arrependo do dia em que noivou.

Maria nem pode responder:

- Eu, sim, me arrependo do dia em que a senhora casou.

Sentiu-se afrontada a velhota, com palpitação, tontura, pé frio. Arrastou-se quietinha para a cama, cobriu a cabeça com o lençol:

- Apague a luz – ela gemeu – que vou morrer.

Susto tão grande que o rapaz decidiu arrumar a mala. Manhã seguinte a velha pulou cedo, alegrinha espanou os elefantes coloridos de louça. A filha não almoçou e antes de bater a porta:

O João volta ou saio de casa. A vergonha é da senhora.

Dona Candinha fez promessa para as almas do purgatório. Tão aflita, em vez de rezar dia por dia, rematou a novena numa tarde só.

- Menina, não se fie de moço com dente de ouro.

- Lembre-se, mãe, a senhora me despediu.

-Vá com seu noivo. Depois não se queixe, filha ingrata.

De tanto se agoniar dona Candinha caiu de cama.

- A senhora não me ilude. Finge-se doente para me castigar. Com este calor debaixo da coberta.

- Muito fraca. Eu suo na cabeça. O pé sempre frio.

Deliciada quando a moça trazia chá com torrada. Terceiro dia, a filha inrompe no quarto, escancara a janela. Introduce o gordo perfumado:

- O médico para a senhora.

O doutor examinou-a e, para o esgotamento nervoso, receitou cura de repouso.

- A senhora vai por bem – intimou a filha – ou então à força.

Queria o convento das freiras e não o hospital, que lhe recordava o falecido, entrevado na cadeira de rodas. Umas colheradas de canja, cochilou gostosamente. Às duas da tarde, o aposento invadido pela filha, o noivo e um enfermeiro de avental sujo.

É já que vai para a clínica.

Eu vou se não for asilo de louco. Bem longe do doutor Alô.

Um táxi esperava na porta, o noivo sentou-se ao lado do motorista, ela apertada entre a filha e o enfermeiro. Quando viu estava no Asilo Nossa Senhora da Luz, perdida com doida, epilética, alcoólatra.

Nunca entra sol no pavilhão, a umidade escorria da parede, o chão de cimento. De noite o maldito olho amarelo sempre aceso no fio manchado de mosca.

- Quem reclama – era o sistema do doutor alô – ganha choque!

Ao menor protesto ou queixume:

Olhe o choque, melindrosa! Olhe a injeção na espinha! Olhe a insulina na veia!

Um banheiro só e, depois esperar na fila, aquela imundície no chão e na parede.

A louquinha auxiliava a servente que, essa, fazia de enfermeira. Intragável o feijão com arroz, dona Candinha sustentava-se a chá de mate e biscoito duro. Engolia com esforço o caldo ralo de repolho.

Vinte e dois dias depois recebeu a visita da filha, o noivo fumava na porta.

A senhora fazendo greve de fome?

Na minha casa o arroz é escorrido, o feijão lavado.

Só de braba não come.

Daí a tortura da sede. Servia-se da torneira no banheiro, não é que uma possessa vomitou na pia? Foi encher o copo, deu com tamanho horror. Embora lavada a pia, guardou a impressão e sofria a sede.

- Doidinha eu sou – disse uma das mansas – Meu lugar é aqui. Mas a senhora fazendo o quê?

Uma lunática oferecia-lhe bolacha e fruta. Mandou bilhete na sua letra caprichada, a filha só apareceu domingo seguinte.

A senhora não está boa. Nem penteia o cabelo. Não cumprimenta o doutor Alô.

Essa ingratidão não posso aceitar – e abafava o soluço no pavor do choque – Não sou maluca e sei me mandar.

- Prove.

- Com o túmulo de seu pai. Já pintado de azul.

Instalado na casa, o noivo regalava-se com ovo frito na manteiga, coxinha gorda de frango.

Quem não come – advertia a servente – vai para o choque!

Dona Candinha encheu-se de coragem e choramingou para a freira superiora que não tomava sol, sofria de reumatismo, coma gritaria das furiosas que podia dormir?

Ao cruzar a enfermaria, a freira chamou uma das bobas

- Você é nova aqui?

- Entrei ontem, sim senhora.

- Se tiver alguma queixa, fale com dona Candinha. – e batendo palmas de tanta graça. – é a palhaça do circo.

A servente largava o balde e o enxergão, sem lavar as mãos aplicava insulina na veia de uma possessa. Dona Candinha fingia tossir e cuspiu a pílula escondida no buraco do dente.

Chorando de manhã ao se lembrar do tempo feliz com o finado. À noite, chorava outra vez: menina tão amorosa, hoje feroz inimiga. Não doía ter sido internada. – culpa sua não sair da cama – Mas sabendo o que sofria, a moça não a tirasse dali.

Minha própria filha? Estalou baixinho a língua ressequida. – que não me acudiu na maior precisão? Surpreendida rondando o portão, confiscaram-lhe a roupa, agora em camisola imunda e chinelo de pelúcia? Sem se aquecer ao sol, sobrevivendo aos golinhos de chá frio e bolacha Maria. Tão fraca nem podia ler, as letras embaralhadas mesmo de óculo.

Olhe essa mulher, doutor – era a filha, vestido preto de cetim, lábio de púrpura, pulseira prateada. –domingo de sol, uma pessoa deitada? O dia inteiro chorando e se queixando. Aqui não falta nada, que mais ela quer?

- Vá-se embora – respondeu docemente a velha. Desapareça de minha vista. Você mais o dente de ouro.

-De dia o rádio ligado a todo volume. À noite, a gritaria furiosa das lunáticas. Sentadinha na cama, distrai-se a velha a espiar uma nesga de céu. Com paciência, amansa uma mosca nas grades, que vem comer na sua mão arrepiada de cócegas. Há três dias, afeiçoada à velhinha, não foge a mosca por entre as grades da janela.

## ANEXO F –Termo de autorização de uso de imagem

Eu, \_\_\_\_\_, portador da Cédula de Identidade nº \_\_\_\_\_, inscrito no CPF sob nº \_\_\_\_\_, residente em \_\_\_\_\_, nº \_\_\_\_\_, na cidade de \_\_\_\_\_, AUTORIZO o uso de minha imagem (ou do menor \_\_\_\_\_ sob minha responsabilidade) em fotos ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizada no trabalho pedagógico de criação de curta – metragem a partir de contos temáticos. A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) *home page*; (II) cartazes; (III) divulgação em geral. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Brasília, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

---

Assinatura

## ANEXO G - Modelo de Roteiro

<p>(1) EXT. DESERTO DO ARIZONA DIA</p> <p>(2) O sol forte queima a terra. Tudo é plano, barrento. Na distância, uma nuvem de poeira é levantada por um jipe que cruza a paisagem.</p> <p>(3) EM MOVIMENTO</p> <p>O jipe corre entre arbustos e <u>cactus</u>.</p> <p>(4) INT. JIPE – ENQUADRANDO JOE</p> <p>(5) Joe dirige negligentemente.</p> <p>JILL, uma garota atraente de uns 20 anos, está sentada ao lado dele.</p> <p>(6) JILL</p> <p>(7) (Gritando)</p> <p>(8) É muito longe?</p> <p>JOE</p> <p>Umas duas horas. Você tá bem?</p> <p>(9) Ela sorri cansada.</p> <p>JILL</p> <p>Eu consigo.</p> <p>(10) Subitamente, o motor ENGASGA. Eles se olham preocupados.</p> <p>(11) CORTA PARA:</p>	<p>1 – Cabeçalho, onde e quando ocorre a cena.</p> <p>2 – Espaço duplo. Descreva o que acontece.</p> <p>3 – Espaço duplo. Quando tiver, explique a mudança da câmera (sugestão).</p> <p>4 – Espaço duplo. Há uma mudança de fora pra dentro do carro. Estamos focalizando Joe.</p> <p>5 – Novos personagens aparecem em maiúsculas.</p> <p>6 – Personagem que fala vem em maiúsculas e centralizado.</p> <p>7 – Quando necessário, indique o tom do personagem.</p> <p>8 – Diálogos sempre centralizados, espaço 1.</p> <p>9 – Quando houver, indique as ações/reações do personagem.</p> <p>10- Efeitos sonoros e trilha são em maiúsculas.</p> <p>11- O final da cena.</p>
---	--